

# ILUSTRAÇÃO

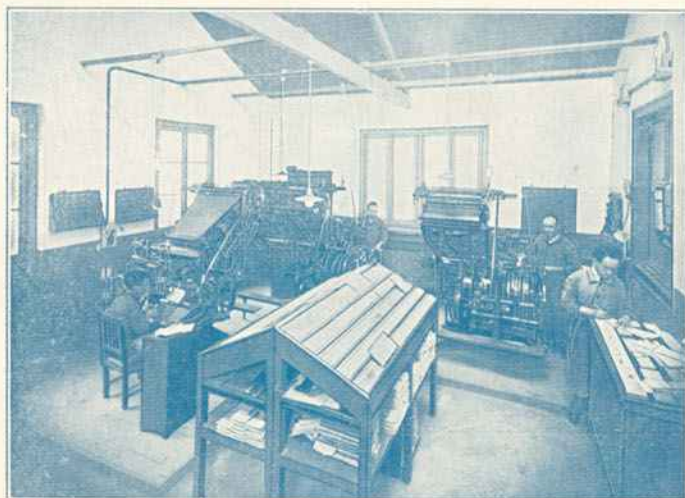


LISBOA, 16 DE MAIO DE 1931

:: Ano VI ::

A REVISTA PORTUGUESA  
: DE MAIOR TIRAGEM :  
: E EXPANSÃO :

:: N.º 130 ::



Sala das máquinas "Linotype"

# Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30  
LISBOA

TRICROMIA  
D E S E N H O  
TRABALHOS DE  
GRANDE ARTE  
TRABALHOS  
COMERCIAIS  
INEXCEDIVEL  
PERFEIÇÃO  
ORÇAMENTOS  
GRATIS

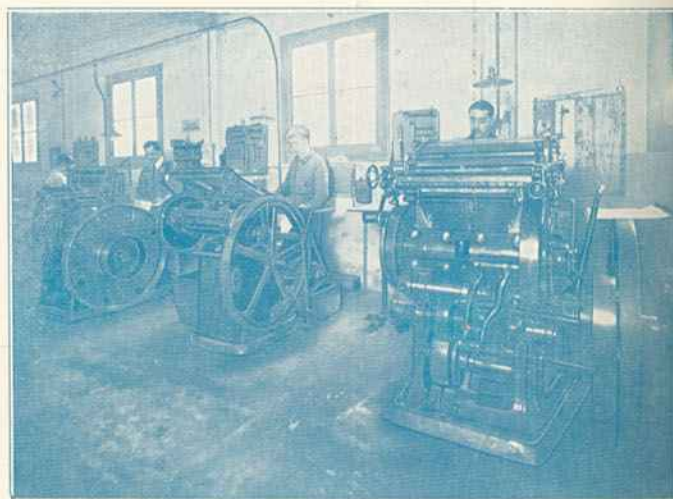
As mais modernas instala-  
ções do país e aquelas  
que maior capacidade de  
produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL  
DE PUBLICAÇÕES  
PERIÓDICAS ULTRA-  
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Socie-  
dade que se imprimem to-  
dos os belos trabalhos  
gráficos de

Ilustração, Magazine  
Bertrand, O Volante,  
Historia da Literatura  
Portuguesa (Ilustrada),  
Revista Aéronáutica  
Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão



# Um unico instantaneo pode ganhar **UMA FORTUNA**



De 1 de Maio  
a 31 de Agosto

Surpreenda o momento  
mais interessante...

Uma dessas encantadoras atitudes, próprias das crianças, pode ser o melhor assunto para um instantaneo que enviado ao Concurso Internacional «Kodak» poderá ganhar uma fortuna.

Este concurso é unicamente para amadores e, o menos habil póde triunfar, ainda que as suas fotografias sejam feitas com aparelhos tão simples como um «Brownie» ou um «Kodak».

Só o interesse do assunto influe na decisão do Juri! Surpreenda o seu filho com um sorriso nos labios ou com um desses adoraveis gestos

● A película «Kodak» vendida na caixa amarela com a inscrição «Kodak-Film» garante o resultado das fotografias.



de enfado e envie o seu retrato ao concurso...! Mostre ao mundo inteiro o seu encantador pequerrucho!

Com uma unica fotografia póde ganhar um primeiro premio de 1.000 escudos, o Grande Premio Nacional de 10.000 escudos, um primeiro Premio Internacional de 1.000 dolars e o Grande Premio Internacional de 10.000 dolars. Uma verdadeira fortuna.!

#### Júri Nacional

*D. Amelia Rey Colaço*  
Distinta Atriz Portuguesa

*Dr. José de Figueiredo*  
Director do Museu de Arte Antiga

*Dr. Sousa Costa*  
Escritor

*Sr. Sousa Lopes*  
Director do Museu de Arte Contemporânea  
etc.

#### SEIS CATEGORIAS

- A — Crianças
- B — Ar livre
- C — Desportos
- D — Naturezas mortas, arquitectura, interiores
- E — Retratos
- F — Fotografias de animais

#### PREMIOS NACIONAIS

Grande Premio Nacional  
de Esc. 10.000

Para Portugal e Colonias, e mais 66 premios, assim distribuidos:

6	premios de 1.000 escudos
6	» » 400 »
6	» » 200 »
12	» » 100 »
36	» » 50 »

#### PREMIOS INTERNACIONAIS

As fotografias que ganharem o primeiro premio de cada categoria, em cada paiz, participarão automaticamente no Concurso Internacional a realizar em Genebra.

Grande Premio Internacional  
de 10.000 dolars e Trofeu «Kodak»

6 primeiros premios internacionais de 1.000 dolars cada, e Medalha de Ouro para as fotografias que obtiverem o 1.º premio de cada categoria.

Peça ao mais proximo revendedor «Kodak» ou á «Kodak Lda.»,  
Rua Garrett, 33 — Lisboa, as condições para concorrer.

**CONCURSO INTERNACIONAL «KODAK»**  
para fotografos amadores, 375.000 escudos de premios



# As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <p>1—<b>DA TERRA À LUA</b>, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—<b>A RODA DA LUA</b>, 1 vol.</p> <p>3—<b>A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS</b>, 1 vol.</p> <p><b>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</b></p> <p>4—1.ª parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>. 1 vol.</p> <p>5—2.ª parte—<i>O deserto de gelo</i>. 1 vol.</p> <p>6—<b>CINCO SEMANAS EM BALÃO</b>, 1 vol.</p> <p>7—<b>AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES</b>, 1 vol.</p> <p>8—<b>VIAGEM AO CENTRO DA TERRA</b>, 1 vol.</p> <p><b>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</b></p> <p>9—1.ª parte—<i>América do Sul</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>Austrália Meridional</i>. 1 vol.</p> <p>11—3.ª parte—<i>Oceano Pacifico</i>. 1 vol.</p> <p><b>VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-<br/>NAS:</b></p> <p>12—1.ª parte—<i>O homem das águas</i>. 1 vol.</p> <p>13—2.ª parte—<i>O fundo do mar</i>. 1 vol.</p> <p><b>A ILHA MISTERIOSA:</b></p> <p>14—1.ª parte—<i>Os naufragos do ar</i>. 1 vol.</p> <p>15—2.ª parte—<i>O abandonado</i>. 1 vol.</p> <p>16—3.ª parte—<i>O segredo da ilha</i>. 1 vol.</p> <p><b>MIGUEL STROGOFF:</b></p> <p>17—1.ª parte—<i>O correio do Czar</i>. 1 vol.</p> <p>18—2.ª parte—<i>A invasão</i>. 1 vol.</p> <p><b>O PAÍS DAS PELES:</b></p> <p>19—1.ª parte—<i>O eclipse de 1860</i>. 1 vol.</p> <p>20—2.ª parte—<i>A ilha errante</i>. 1 vol.</p> <p>21—<b>UMA CIDADE FLUTUANTE</b>, 1 vol.</p> <p>22—<b>AS ÍNDIAS NEGRAS</b>, 1 vol.</p> <p><b>HEITOR SERVADAC:</b></p> <p>23—1.ª parte—<i>O cataclismo cósmico</i>. 1 vol.</p> <p>24—2.ª parte—<i>Os habitantes do cometa</i>. 1 vol.</p> <p>25—<b>O DOUTOR OX</b>, 1 vol.</p> <p><b>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</b></p> <p>26—1.ª parte—<i>A viagem fatal</i>. 1 vol.</p> <p>27—2.ª parte—<i>Na África</i>. 1 vol.</p> | <p>28—<b>A GALERA CHANCELLOR</b>, 1 vol.</p> <p>29—<b>OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN</b>, 1 vol.</p> <p>30—<b>ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA</b>, 1 vol.</p> <p><b>A CASA A VAPOR:</b></p> <p>31—1.ª parte—<i>A chama errante</i>. 1 vol.</p> <p>32—2.ª parte—<i>A ressuscitada</i>. 1 vol.</p> <p><b>A JANGADA:</b></p> <p>33—1.ª parte—<i>O segredo terrível</i>. 1 vol.</p> <p>34—2.ª parte—<i>A justificação</i>. 1 vol.</p> <p><b>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</b></p> <p>35—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 1.º vol.</p> <p>36—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 2.º vol.</p> <p>37—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 1.º vol.</p> <p>38—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 2.º vol.</p> <p>39—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 1.º vol.</p> <p>40—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 2.º vol.</p> <p>41—<b>A ESCOLA DOS ROBINSONS</b>, 1 vol.</p> <p>42—<b>O RAIOS VERDE</b>, 1 vol.</p> <p><b>KERABAN, O CABEÇUDO:</b></p> <p>43—1.ª parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>.</p> <p>44—2.ª parte—<i>O regresso</i>. 1 vol.</p> <p>45—<b>A ESTRELA DO SUL</b>, 1 vol.</p> <p>46—<b>OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO</b>, 1 vol.</p> <p><b>MATIAS SANDORFF:</b></p> <p>47—1.ª parte—<i>O pombo correio</i>. 1 vol.</p> <p>48—2.ª parte—<i>Cabo Matifoux</i>. 1 vol.</p> <p>49—3.ª parte—<i>O passado e o presente</i>. 1 vol.</p> <p>50—<b>O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»</b>, 1 vol.</p> <p>51—<b>O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672</b>, 1 vol.</p> <p>52—<b>ROBUR, O CONQUISTADOR</b>, 1 vol.</p> <p><b>NORTE CONTRA SUL:</b></p> <p>53—1.ª parte—<i>O ódio de Texas</i>. 1 vol.</p> <p>54—2.ª parte—<i>Justiça!</i> 1 vol.</p> | <p>55—<b>O CAMINHO DA FRANÇA</b>, 1 vol.</p> <p><b>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</b></p> <p>56—1.ª parte—<i>A escuna perdida</i>. 1 vol.</p> <p>57—2.ª parte—<i>A colónia infantil</i>. 1 vol.</p> <p><b>FAMÍLIA SEM NOME:</b></p> <p>58—1.ª parte—<i>Os filhos do traidor</i>. 1 vol.</p> <p>59—2.ª parte—<i>O padre Joan</i>. 1 vol.</p> <p>60—<b>FORA DOS EIXOS</b>, 1 vol.</p> <p><b>CESAR CASCABEL:</b></p> <p>61—1.ª parte—<i>A despedida do novo continente</i>. 1 vol.</p> <p>62—2.ª parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>. 1 vol.</p> <p><b>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</b></p> <p>63—1.ª parte—<i>A procura dos naufragos</i>. 1 vol.</p> <p>64—2.ª parte—<i>Deus dispõe</i>. 1 vol.</p> <p>65—<b>O CASTELO DOS CARPATHOS</b>, 1 vol.</p> <p>66—<b>EM FRENTE DA BANDEIRA</b></p> <p><b>A ILHA DE HÉLICE:</b></p> <p>67—1.ª parte—<i>A cidade dos biliões</i>. 1 vol.</p> <p>68—2.ª parte—<i>Distúrbios no Pacifico</i>. 1 vol.</p> <p>69—<b>CLOVIS DARDENTOR</b>, 1 vol.</p> <p><b>A ESFINGE DOS GELOS:</b></p> <p>70—1.ª parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>. 1 vol.</p> <p>71—2.ª parte—<i>Lutas de marinheiro</i>. 1 vol.</p> <p>72—<b>A CARTEIRA DO REPÓRTER</b>, 1 vol.</p> <p><b>O SOBERBO ORENOCO:</b></p> <p>73—1.ª parte—<i>O filho do coronel</i>. 1 vol.</p> <p>74—2.ª parte—<i>O coronel de Kernor</i>. 1 vol.</p> <p>75—<b>UM DRAMA NA LIVÓNIA</b>, 1 vol.</p> <p>76—<b>OS NAUFRAGOS DO JONATHAN</b>, 1.º vol.</p> <p>77—<b>OS NAUFRAGOS DO JONATHAN</b>, 2.º vol.</p> <p>78—<b>A INVASÃO DO MAR</b>, 1 vol.</p> <p>79—<b>O FAROL DO CABO DO MUNDO</b>, 1 vol.</p> |
|---|--|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



ACABA DE APARECER

## REFORMA DO CODIGO CIVIL

(Dec. n.º 19:126, de 16 de Dezembro de 1930)

Inserindo o texto integral que altera diversos artigos do Código Civil e também a explicação ou justificação sumária das várias alterações segundo a nota oficiosa fornecida pelo Ministério da Justiça.

**PREÇO 8\$00 Esc.**

Pelo correio, à cobrança, mais 1 escudo

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»  
LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11  
LISBOA

## DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

*Desta obra escreveu João Grave:*

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêes, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctissima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

## ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

de que é autor o ilustre professor e pintor  
J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras,  
encadernado em percalina, 30\$00

Pedidos à

**Livraria BERTRAND**  
**RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA**



O grande êxito literário de 1931

é a grande  
n o v e l a  
de emoção

# O DIABO BRANCO

do ilustre novelista espanhol e grande "reporter" internacional

♦ ♦ LUIZ DE OTEYZA ♦ ♦

que nesta pitoresca e emotiva obra põe à prova todos os seus dotes de imaginação, humorismo e brilhantíssima observação.

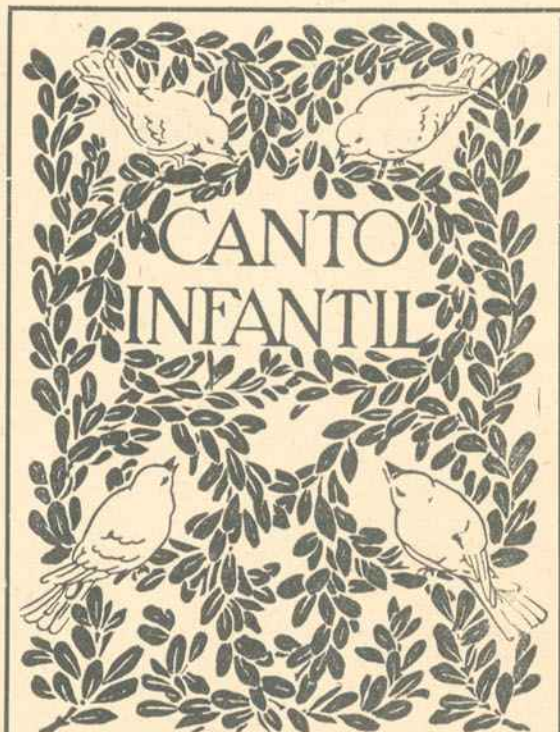
## O DIABO BRANCO

é a novela empolgante dum modesto e tímido *guarda-livros* que as mais espantosas peripécias levam à China em plena guerra civil

e que, pela força da fatalidade, se vê guindado em comandante de um exército de piratas amarelos, que foi testemunha ocular do cáos chinês, onde realizou arrojadas reportagens, descreve-nos os horrores e os pitorescos daquele inferno contemporâneo na sua prosa ágil, espirituosa, rescendendo originalidade e bom humor.

**PREÇO: 10\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
Rua Garrett, 73-75 - LISBOA**



EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

## Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

**VERSOS de Afonso Lopes Vieira**

**MUSICA de Tomás Borba**

**ILUSTRAÇÕES de Raul Lino**

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais útil nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

**PREÇO: 10\$00**

A' venda na filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS  
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias





Não se pode absorver impunemente qualquer bebida; ha uma que se deve usar, só ou misturada com vinho. Obtem-se deitando em agua potavel os

## Lithinés de D'Gustin

que vos darão uma agua deliciosa, dissolvente do ácido úrico e combatendo as afeccões dos Rins, Fígado, Bexiga, Estomago e Intestinos.

MORTE aos MOSQUITOS

Pulverizai

# FLIT

# CERESIT

(LEGITIMO W. B. W. ALEMANHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

## HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucri.

GALERIA DE PARIS, 42.—PORTO

Depositaris em Lisboa: S. RAMOS LDA.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

## NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15\$00

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembarçador), penteie com a cabeça ainda humida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.

Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**

M. me Campos Avenida da Liberdade, 35 LISBOA



## Eu tambem!



Com que atenções e amabilidades devo receber os clientes e como tenho que esforçar-me para lhes ser agradável e sorrir-lhes para os deixar contentes! E como difficil isto por vezes é, quando nos sentimos doentes!

Felizmente desde que tomo

## CAFIASPIRINA

de dôres só tenho as recordações, pois este medicamento além de eliminar as dôres de cabeça e dentes, enxaquecas e nevralgias, igualmente reanima e levanta as forças, sem afectar o coração nem os rins.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.





Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume

DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

# O PRETINHO DE ANGOLA

por **CESAR DE FRIAS**

com ilustrações de **Ilberimo dos Santos**

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctissima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

**Preço: Esc. 5\$00**

**A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS**

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

**E EM TODAS AS LIVRARIAS**

## Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulveri-  
sações, etc. — — —

**FISIOTERAPIA**, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, **DIATERMIA**  
e Maçagens. — — —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

MAGAZINE  
**BERTRAND**

CONTINUA A MANTER

A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE MAIO



# Um Clarion

*alia sempre à  
elegancia das  
suas linhas*



*uma  
encantadora  
pureza  
de sons*

*representantes  
Casa Serras*

*Lisboa  
Rua da Madalena  
109*



# O que é Indanthren?

Todos sabem que há tecidos, cujas cores são mais ou menos duradoiras; alguns desbotam bem depressa sob a acção da luz do sol, outros largam a tinta já na primeira lavagem. Teremos, portanto de duvidar da duração dessas cores.

V. Exa. pode evitar essas dúvidas pedindo, ao comprar tecidos ou fios de algodão, seda artificial ou linho, fazenda de tinto Indanthren, pois, com o nome de Indanthren foi criado um sortido de corantes, com os quais se obtêm tintos da máxima resistência possível aos raios solares, à lavagem e às intempéries.

Exija, portanto, artigos de tinto ou de estamaria Indanthren e convença-se de que os que V. Exa. tiver escolhido tenham a marca registada, abaixo reproduzida.

Tecidos e fios tintos ou estampados com Indanthren são duma

solidez insuperada                      à lavagem,  
à luz,    às intempéries.

Só nos artigos tintos ou estampados com corantes Indanthren é que pode ser aplicada a etiqueta Indanthren.





COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procição)  
Telef. : 2 1467

Editor: Francisco Amaro

Ano 6.º — Número 130

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :  
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE :  
AILLAUD LTD.ª  
EMPRESA NACIONAL  
DE PUBLICIDADE

ADMINISTRAÇÃO  
R. Diário de Notícias, 78  
Telef. : 2 3132

16 DE MAIO DE 1930



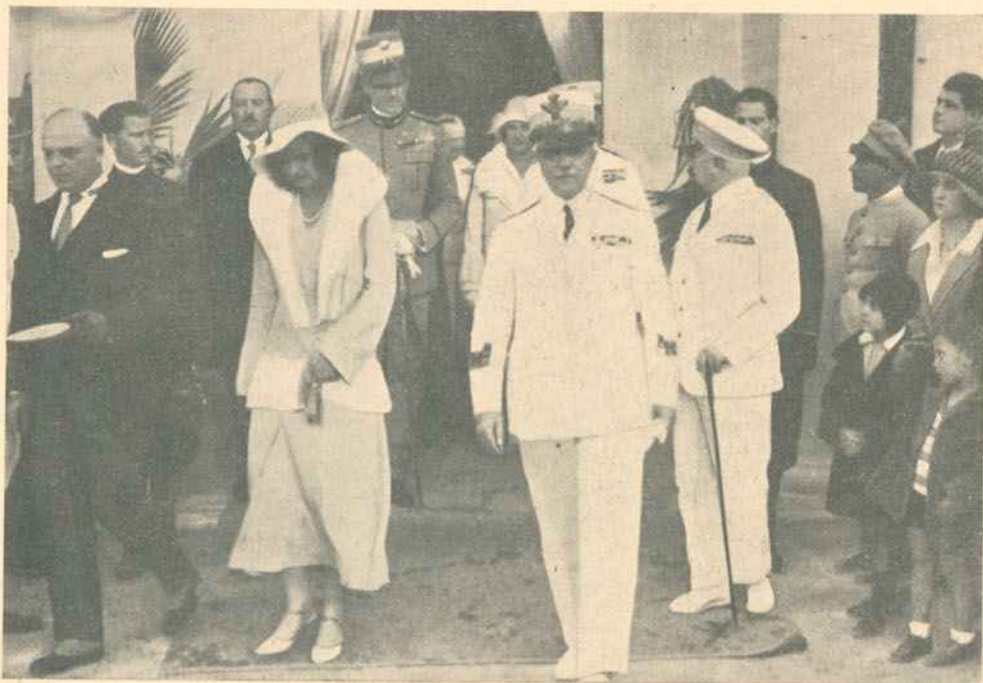
O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCESA

MR. PAUL DOUMER, O VENERANDO POLITICO FRANCES, PRESIDENTE DO SENADO, QUE ACABA DE SER  
ELEITO PARA A SUPREMA MAGISTRATURA DA GRANDE REPUBLICA FRANCESA

(Foto Orrios)



**FACTOS  
— E —  
ACONTECIMENTOS**

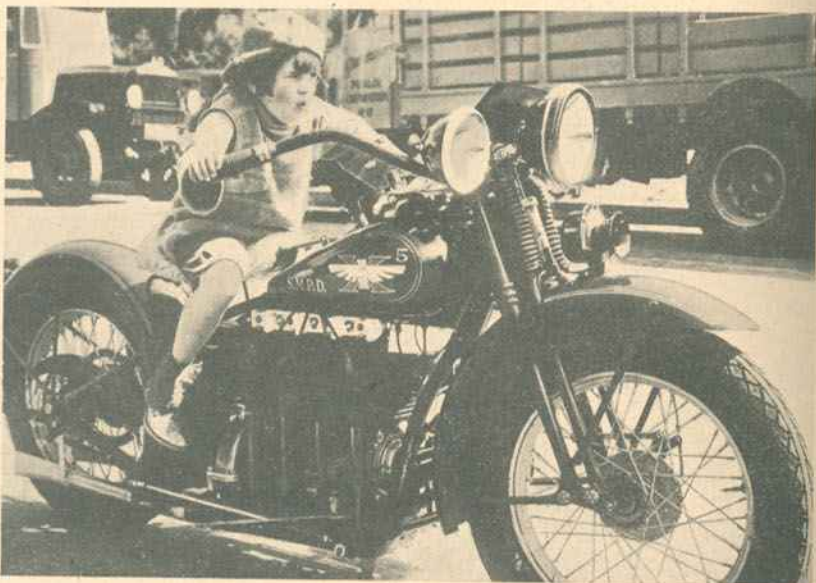


EM BAIXO — A nossa foto representa o novo «Miudinho», Robert Coogan, irmão de célebre Jackie Coogan, tripulando a sua primeira moto e envergando o seu traje de filmar, pois que é este precoce artista, de cinco anos de idade, segue as pisadas triunfantes do ex-pequeno camarada de Charlot.

(Foto Orrios)

Os príncipes de Piemonte, Humberto e Maria José, herdeiros do trono italiano, acabam de realizar uma triunfal viagem à Tripolitânia (África Italiana). A nossa foto representa a recepção oficial em Tripoli.

(Foto Orrios)



A ESQUERDA — Um novo «Mathusalem». O senhor Abdulah Mohamed, natural do Egito, conta a bagatela de 130 anos bem puxados, arquivando em seu poder as certidões de óbito de 20 espôsas, com a primeira das quais se uniu aos 21 anos de idade. Noutro local publicamos a foto de um rival desta criança...

(Foto Orrios)

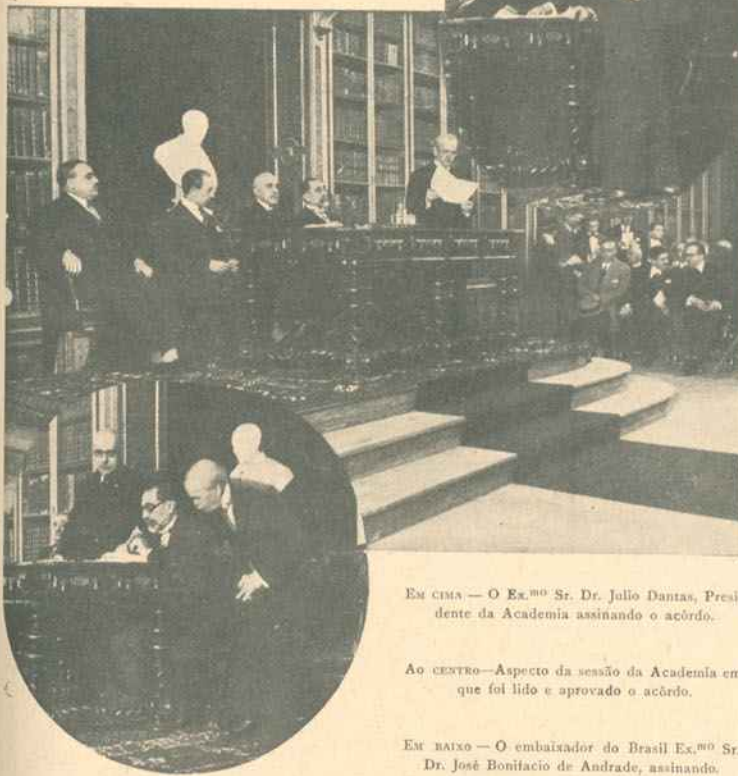
NO MEDALHÃO DA DIREITA — Com grande solenidade efectuou-se, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o enlace da formosa sr.<sup>a</sup> D. Capitolina Saraiva de Macedo com o sr. António Vitorino da Silva. Os noivos após a cerimónia.

(Foto Novais)





**Acto solemne da assinatura do acôrdo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa e sancionado pelos governos dos dois países para a unificação da ortografia portuguesa**



EM CIMA — O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Julio Dantas, Presidente da Academia assinando o acôrdo.

AO CENTRO — Aspecto da sessão da Academia em que foi lido e aprovado o acôrdo.

EM BAIXO — O embaixador do Brasil Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Bonifácio de Andrade, assinando.

AS ALTERAÇÕES DETERMINADAS NA ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA PELO ACÔRDO CELEBRADO ENTRE A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (30 DE ABRIL DE 1931) E SANCIONADO PELOS GOVERNOS DOS DOIS PAÍSES, SÃO, EM SUMULA, OS SEGUINTE:

1.º — Mantém-se o **h** mudo medial nos vocábulos compostos com prefixos, quando o último elemento exista na língua como palavra autónoma: assim, continua a escrever-se, como até aqui, **sair, tesouro, compreender**; mas passa a escrever-se **rechar, deshumano, deshabituar**;

2.º — As formas reflexivas ou pronominais do futuro dos verbos perdem o **h**, como já se praticava nas formas reflexivas ou pronominais do condicional: assim, **dever-se-ia** e, também, **dever-se-á**;

3.º — Desaparece o **s** do grupo inicial **sc**: **cintilar, ciência**;

4.º — Os nomes toponímicos e antroponímicos passam a escrever-se com **z** final, quando oxítonos: **Tomaz, Garcez**;

5.º — A abolição do ditongo oral **ae**, decretada na ortografia oficial portuguesa, torna-se extensiva ao ditongo nasal **ãe**: assim, **mãe**, e não **mãe**;

6.º — Mantém-se o ditongo **ue**: **azues**, em vez de **azuís**;

7.º — A acentuação gráfica é simplificada em harmonia com a prosódia dos dois povos, e oportunamente fixada de comum acôrdo entre as duas academias.

## CASAMENTO PRINCIPESCO

**C**ARTANO de Bourbon-Parma, irmão da Imperatriz Zita, a infortunada, acaba de contrair matrimónio, no Arcebispo de Paris, com a princesa Margarida de Tour-et-Taxis, da mais alta estirpe francesa. Os noivos após a cerimónia nupcial.

(Foto Orrías)



## SUA SANTIDADE SAI DO VATICANO

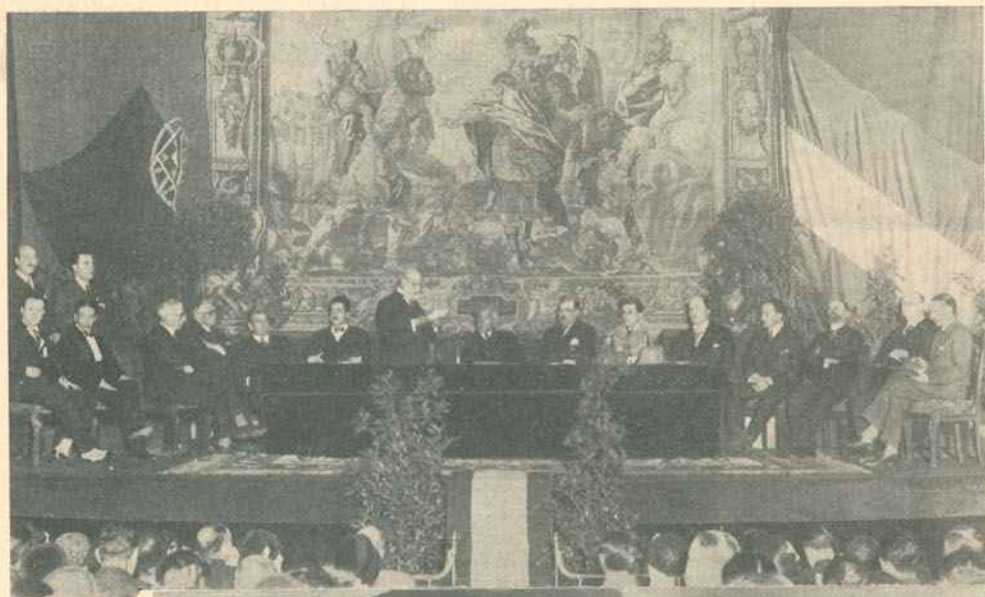
O prestigioso chefe supremo da Igreja Católica, o Sumo Pontífice, restituído à sua soberania temporal pelo Tratado de Latrão, assinado com Mussolini, sai do Vaticano, ainda que raras vezes, para presidir a cerimónias do culto e caritativas. A nossa foto representa Sua Santidade quando, há dias, inaugurou no Monte Janículo, fóra da área da cidade do Vaticano, um novo estabelecimento de catequese católica.

(Foto Orrías)



**EM  
MADRID**

**O  
Congresso  
hispano-  
português  
de Tocolo-  
gia e Ginè-  
cologia**



EM CIMA — O Salão Nobre do Pa-  
lácio da Imprensa, durante a  
sessão inaugural do Congresso,  
presidida pelo sr. Alcalá Zamora,  
chefe do governo provisório da  
República Espanhola, vendo-se na  
mesa altas personalidades médi-  
cas dos dois países e o Embai-  
xador de Portugal.

AO CENTRO — O presidente do Go-  
verno Provisório, embaixador de  
Portugal e outras personalidades,  
entre as quais os professores  
Solér, Novais e Sousa e Recasens,  
visitando a interessantíssima ex-  
posição do Congresso.



EM BAIXO — O presidente Alcalá  
Zamora entre os visitantes da  
Exposição do Congresso Hispano-  
Português de Tocologia e Ginè-  
cologia.

(Fotos Orión, exclusivas da  
«Ilustração»)



# VEJAM!

## MADAME CURIE EM ESPANHA

A insigne mulher de ciência que, colaborando com seu espôso, Pierre Curie, descobriu o rádio, revolucionando a ciência moderna, visitou agora a vizinha República Espanhola, dando na Universidade Central de Madrid uma notável conferência a que assistiu o escol intelectual e que constituiu um grande acontecimento. Na nossa foto, em baixo, vê-se Madame Curie, a primeira da esquerda, com várias personalidades intelectuais madrilenas.

(Foto Orríos)



## RAMON FRANCO ... SEM MOTOR

O irrequieto aviador espanhol, grande revolucionário, por tal motivo exilado no estrangeiro, actualmente director geral da Aeronáutica, durante um visita que fez ao aerodromo de Cuatro Vientos, voou num aeroplano sem motor sob as indicações do instrutor da especialidade.

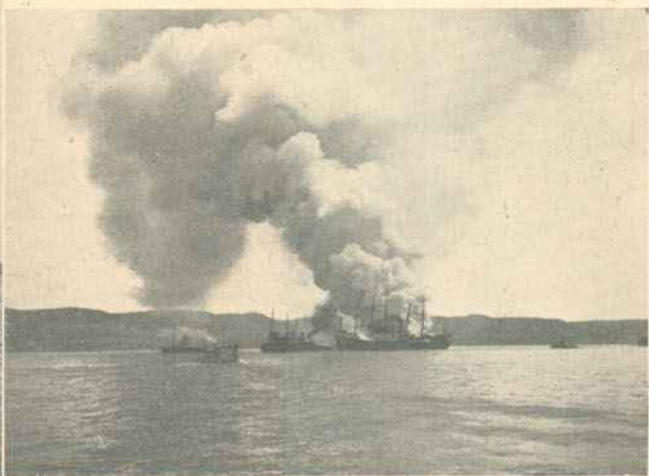
A nossa foto mostra o heroico comandante preparando-se para «largar».

(Foto Orríos)



## UM MAGESTOSO INCENDIO NO TEJO

O navio holandês *Ares*, carregado de nitratos do Chile, arden no estuário do Tejo, ficando completamente destruído. O sinistro, que atingiu formidáveis proporções, constituindo um espectáculo de hórrida beleza, fica arquivado nas nossas páginas nas duas belas fotos de Horácio de Novais que reproduzimos e que são verdadeiramente notáveis





**VEJAM!...**

**O Exílio  
da Família Real  
Espanhola**



No oval de cima — O centro dos exilados pelo antigo regime espanhol era, em Paris, o Hotel Malherbe, que a nossa foto representa. Dali saíram Indalecio Prieto, Marcelino Domingo e outros para as cadeiras do governo da República



A DIREITA — Por sua vez, a família real e alguns nobres de destaque, exilados da República Espanhola, alojaram-se no Hotel Meurice, que se vê na nossa foto



No oval, à esquerda — Um instante instantâneo da ex-rainha de Espanha, D. Victoria Eugenia de Bourbon, saindo do Hotel Meurice, em Paris, para passear a pé e fazer as suas compras, democraticamente



A DIREITA — Outro instante particularmente eloquente. Na rua de Rivoli, em Paris, e acompanhado de pessoas amigas, o infante D. Jaime (no centro), filho segundo do ex-rei D. Afonso XIII, presuntivo herdeiro por doença do príncipe das Astúrias

(Fotos Orrios, exclusivas da  
ilustração)



# CURIOSIDADES



A última «Miss Turquia», a menina Hanım, que a nossa foto representa, é o que chama uma beleza em foco. Efectivamente, consta, nos meios da bibliotecia internacional, que por ela está apaixonado o ditador Kemal Pachá e disposto a renunciar ao seu posto de combate

(Foto Orrios)



Em cima — Outra nota saliente da temporada teatral de Cidade-Luz é o espectáculo brilhante do «Moulin de la Chanson», em que sobressaem as danças sugestivas de Madame Pascard, a deliciosa artista e formosa mulher

(Foto Orrios)

A esquerda — O maior sucesso teatral de Paris, na actualidade, é a comédia «Pierre et Jack», no Athenée. A nossa foto representa Blanche Montel e Fernand Gravey numa scena da obra

(Foto Orrios)



Reproduzimos noutro local um velhíssimo egípcio. Aqui reproduzimos a chegada a Londres de Zara Agha, o mais velho homem do mundo. Este subdito turco conta a bagatela de 157 anos e está efectuando a volta ao mundo. Nasceu em 1774 quando reinava em Inglaterra George III. Era um rapaz quando Napoleão invadiu a Síria. Os médicos constatarem nele o uso inteiro de todas as suas faculdades

(Foto Orrios)



VEJAM!...



Casamento da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Celeste Maria Nunes dos Santos e do Sr. José Bernardo Lobo, realizado, há dias, em Lisboa

(Foto Hordácio de Novais)



Uma avestruz do Jardim Zoológico de Londres, tendo engolido um objecto tão volumoso como perigoso para a integridade da sua «goela», teve de ser operada. A nossa foto representa o bicho e os seus operadores depois de terminado o penso

(Foto Orrius)



A princesa Ileana da Roménia, irmã do Rei Carol, assinou os seus esponsais, no Castelo de Unkirch, com o arquiduque António de Alsburgo, conhecido aviador que concorreu ao último circuito europeu

(Foto Orrius)



O coronel irlandês James Fitzmaurice, que vai empreender o raid de aviação Nova-York, Paris, Roma, Brasil

(Foto Orrius)



EM BAIXO — Pela primeira vez um dirigível fez a amarração sobre a água dum lago. O monstro aéreo da «Goodyear», intitulado *Defender*, vê-se na nossa foto pousado, tranquilamente, sobre as águas, antes de se dirigir ao seu ponto de amarração

(Foto Orrius)

BREVEMENTE

?







JAN STEEN — O CASAMENTO



# desportos

A escassa prática que este desporto tem no nosso país, pois se pode quasi dizer que o

O encontro final da Taça de Inglaterra, no qual West Bromwich bateu Birmingham por 2-1, foi seguramente o maior acontecimento desportivo da quinzena. Este jogo reúne anualmente no Estádio de Wembley multidões entusiastas, e o facto de haver presenciado uma final da taça é uma referência na vida de um amator de «foot-ball».

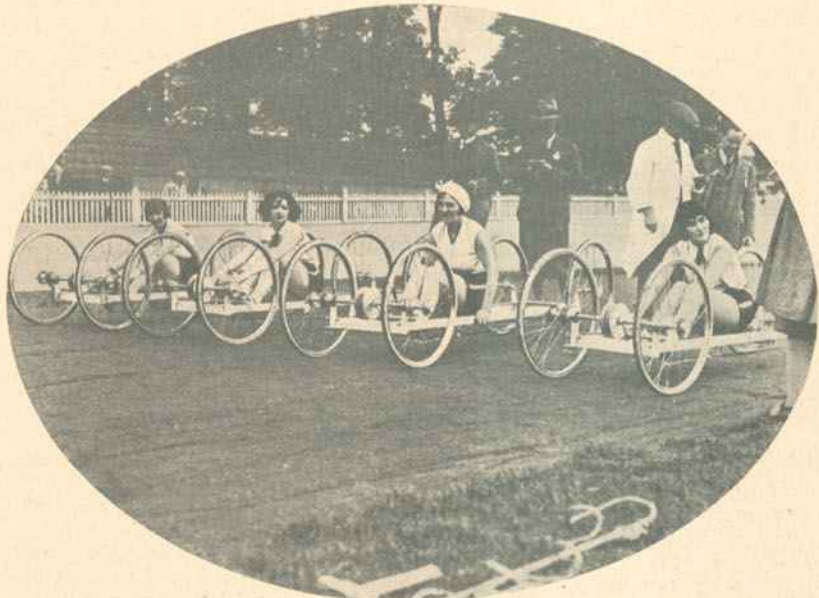
O club este ano triunfante alcança pela terceira vez essa honra, sendo finalista pela sétima vez.

West Bromwich teve, nesta ocasião, um gesto original e elevado: convidou todos os jogadores que tomaram parte sob as suas cores nas seis finais anteriores, a assistirem ao jogo de agora. Apesar da dificuldade que representava a reunião de tantos indivíduos dispersos com o tempo nos mais diversos destinos, parece que a iniciativa foi coroada de franco successo, pois apenas dois elementos faltaram à chamada.

Uma coincidência curiosa: os guarda-redes das duas «equipes» adversárias são ambos naturais de Birmingham, amigos íntimos e habitando na mesma rua casas fronteiras.

## HOCKEY EM PATINS

Pela segunda vez se fez Portugal representar no Campeonato europeu de hockey em patins, e a actuação dos nossos representantes foi de molde a merecer inteiro aplauso pelo brio que empenharam nas lutas travadas em condições evidentemente difíceis.



Em Inglaterra, as raparigas desportistas cultivam um novo e pitoresco exercício, ou seja uma corrida de uns quadriciclos que reproduzimos

(Foto Orrios)

núcleo de seleccionados não encontra adversários que o obriguem a esforços de aperfeiçoamento, mais meritória torna ainda a actuação

da «equipe» em Lausanne, onde conquistou gerais simpatias.

Para os que observam estes assuntos de longe e sem conhecimento de causa, tôdas estas afirmações são vãs escusas das derrotas sofridas pelo grupo, a par de uma vitória e um empate. Mas quem alguma vez tenha presenciado exhibições representativas portuguesas em país estrangeiro, sabe bem que há derrotas que nos valem como vitórias, pelo ambiente de simpatia, de aprêço, de surpresa, conquistado pelo entusiasmo, coragem, correcção e técnica dos rapazes de Portugal.

## UM PRÍNCIPE DESPORTISTA

O príncipe de Galles, regressando da América do Sul, passou em Lisboa algumas escassas horas, pois desembarcando uma manhã, partiu na madrugada seguinte.

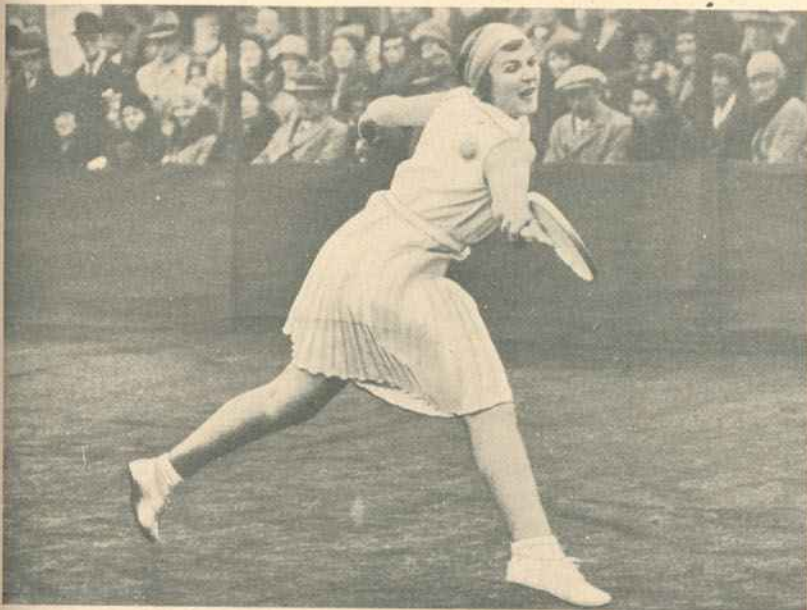
Cumpridas as praxes protocolares, o príncipe encontrou ainda possibilidade, apesar do reduzido espaço de tempo que nos concedeu, para destinar alguns momentos a uma partida de «golf», no Estoril, na qual teve como adversário o embaixador do seu país.

Este facto, testemunho evidente de um comprovado espirito desportivo, marca como característica da psicologia de um príncipe absolutamente integrado nos princípios e hábitos do seu povo.

Para o inglês, o desporto é uma necessidade vital, um factor introduzido nos seus costumes com a mesma importância do seu trabalho social ou preocupações intellectuais.

O herdeiro do trono britânico encarnou ousadamente este espirito desportivo do seu povo; cavaleiro arrojado, piloto aviador, dedica às manifestações de actividade física o mais carinhoso cuidado, praticando ou encorajando com a sua presença as mais variadas iniciativas de prática alheia.

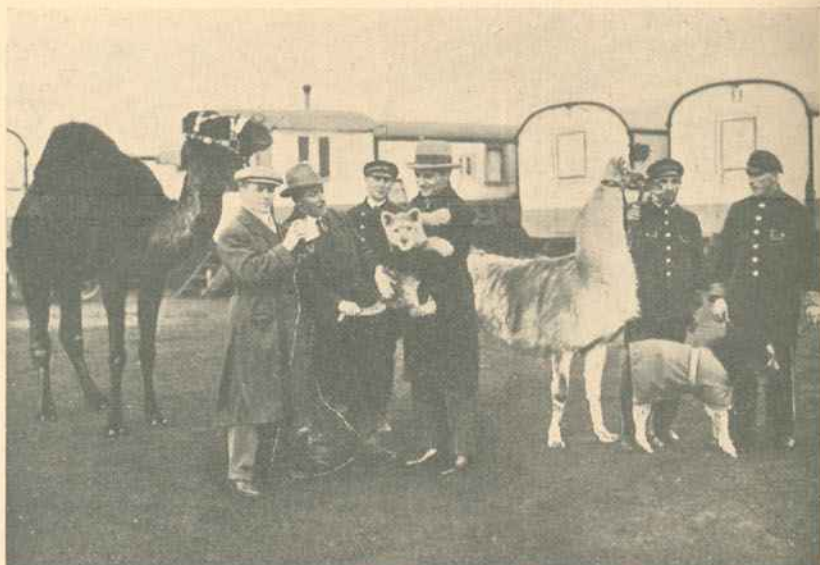
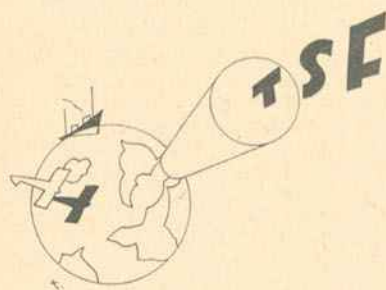
O príncipe de Galles merece bem que o consideremos também o príncipe do desporto.



Miss Betty Nuthall acaba de derrotar Miss Rynn, no torneio de tennis de Ealing

(Foto Orrios)





Os animais ante o microfono. A Norag captando as «vozes» dos animais no «Circus Wanders» (Foto Orriot)



Os animais ante o microfono. Aspecto da tomada de som de um elefante arruinado, executada pela Norag no Jardim Zoológico do «Wanderzirkus»

(Foto Orriot)

## A RADIO NÃO PREJUDICA OS MUSICOS

O célebre maestro e compositor Philippe Gaubert acaba de declarar que a radiotelegrafia é uma coisa excelente e laboram num erro os artistas que pretendem que ela prejudica a música. Antes, pelo contrário, diz o maestro, «ela serve-a e posso afirmar, por eu próprio o ter verificado, que longe de fazer com que as salas se não encham, ela contribui para as fazer encher. Faz apenas uma seleção severa e é isso o que, sem dúvida, não agrada ao mediocre... Assim mesmo, a T. S. F. serve a música.»

Interrogado sobre o papel da T. S. F. na formação do gosto musical, responde categoricamente: «A T. S. F. tem um valor educativo inegável e prova-o fazendo apreciar e admirar as mais célebres produções musicais.»

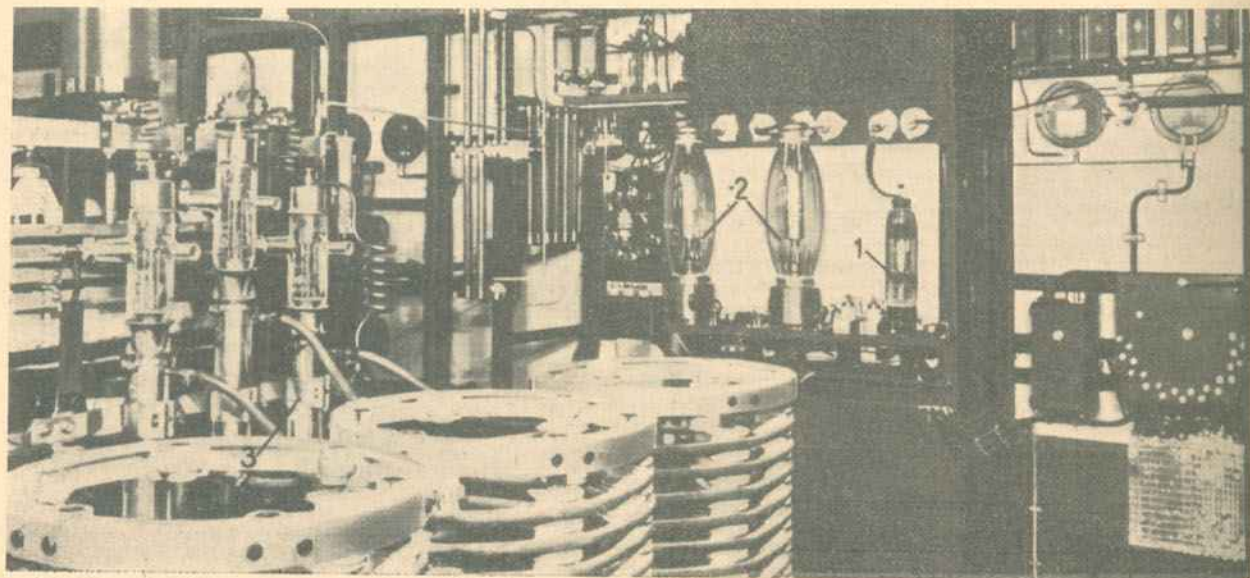
A música sinfónica, quasi completamente ignorada por tanta gente, pode agora penetrar em toda a parte, ser compreendida e desejada.»

## A MUSICA NOS ESTUDIOS

Em todos os países são objecto da maior atenção a disposição do interior dos estúdios, a colocação dos instrumentos e dos cantores, a escolha e o número de instrumentos, onde as pequenas orquestras, sobretudo as de instrumentos de cordas, se ouvem bem, mas onde a instalação das grandes orquestras deixa muito a desejar. Será isso devido às exiguas dimensões dos estúdios?

É possível; mas é um facto que, nos conjuntos, aparece aquela confusão de sons que algumas pessoas apelidam acertadamente de «nevoeiro musical» e que é, certamente, devido a causas técnicas.

Na Alemanha, principalmente, tem-se estu-



O posto emissor de foto-telegrafia sistema Karolus, em pregado pelas Companhias Telefunken-Karolus-Siemens



Nr. 4361551

RM 123 456 78

RM 123456 78

Die Notenbank Nr. ( 1 ) in *Karlsruhe* überweise aus <sup>meinem</sup> <sub>unsrem</sub> Guthaben

überwiesen an  
*Daimler*

*Daimler Motoren A.G.*

zu Gunsten von  
*Froloff*

Kontokorrentkonto Kto. Nr. 22 bei der Notenbank Nr. ( 3 ) in *Stuttgart*

RM *hundertdreißigtausendzweihundert*  
*hundertfünfundfünfzig* *RM* *hundert*

im Auftrage von  
*M. A. G.*  
*Aboriginalistik*

Max Drechsler & Kurt Jütte  
Konto Nr. 5000

Max Drechsler & Kurt Jütte  
Konto Nr. 5000

8 Februar 1926

*Güppers Konrad*  
*als Generalvollmachtigter*

den 8. 2. 1926

*Konrad*

Fac-simile da reprodução de um cheque transmitido por foto-telegrafia, sistema Karolus, de Berlin para Stuttgart, onde foi pago

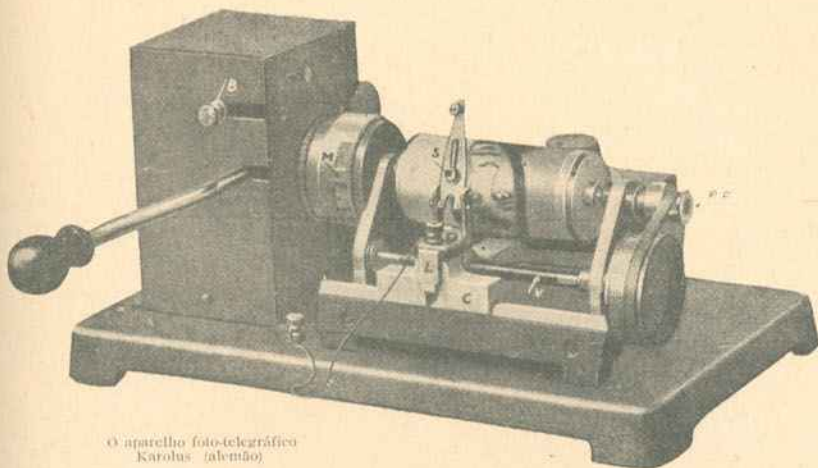
dado muito estes problemas. Os auditores têm notado que algumas emissões de Langenberg, por exemplo reproduzem com agra-

do: ondas de 3 a 6 metros, e para diversos usos militares.

Abaixo de 1<sup>m</sup> de comprimento de onda não

se pode empregar senão potências muito reduzidas e só por um processo que difere totalmente daquele que permite empregar todos os outros comprimentos da onda, se bem que se utilize ainda lâmpadas de três eléctrodos. Póde estabelecer-se comunicações até 30 quilómetros, aproximadamente, com ondas de 17<sup>mm</sup>.

É este, por enquanto, diz o general Ferrié, o extremo limite das ondas utilizáveis. Foi, entretanto, possível, por meio de diversos processos de laboratório, empregar e detectar ondas curtas até 1/5<sup>o</sup> de milímetro, mas a energia posta em acção era infinitamente pequena. Talvez que se venham a encontrar possibilidades novas e de qualquer espécie, quando se descobrir um processo que permita empregar com uma grande potência, ondas com o comprimento de um centímetro ou de um milímetro.



O aparelho foto-telegráfico Karolus (alemão)

## FOTOTELEGRAFIA E TELEVISÃO

O público confunde geralmente a fototelegrafia com a televisão.

dável fidelidade a música executada por orquestras, evidentemente muito numerosas e com bastantes instrumentos de metal.

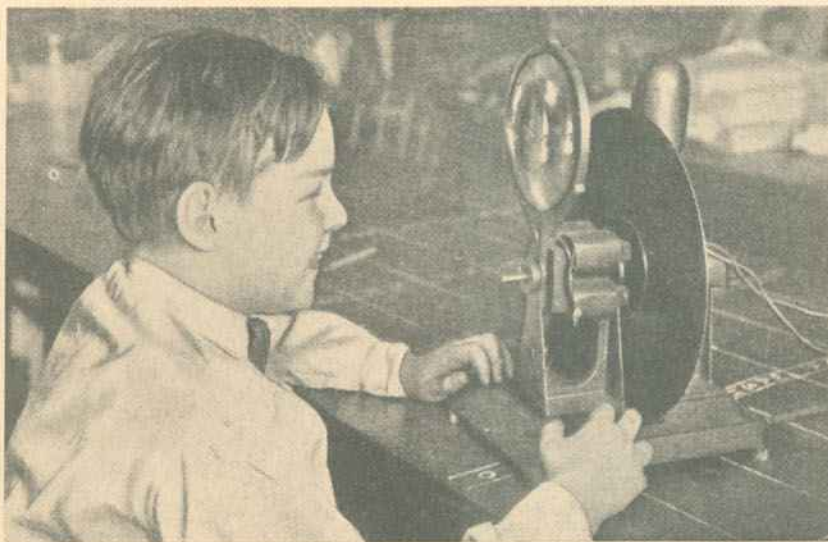
Há quem atribua à modulação este excelente resultado.

Em Inglaterra imaginou-se entusiasmar os executantes arranjando-lhes um auditório que os aplaudisse. Mas na América reconheceu-se que os fatos dos auditores constituem uma zona de absorção que enfraquece as ondas sonoras!

Tudo isto prova que a própria emissão ainda não disse a sua última palavra e que há muitos problemas cuja solução ainda está por encontrar.

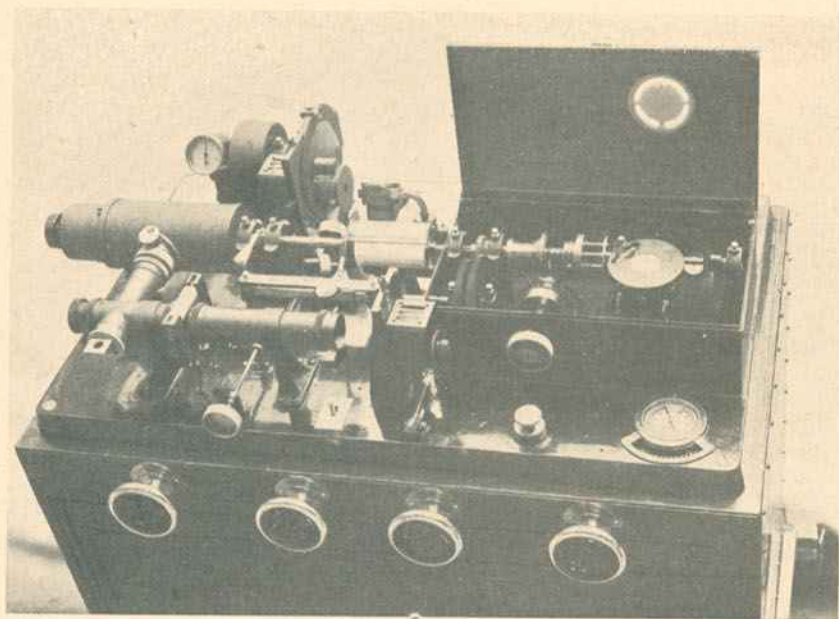
## AS ONDAS MUITO CURTAS

As ondas mais curtas que permitem obter maior alcance através da atmosfera, são as de 12 metros aproximadamente. Póde-se, contudo, empregá-las para estabelecer comunicações entre Nice e a Córsega por exem-



O receptor de televisão infantil sistema Jenkins (americano)





Emissor de foto-telegrafia Karolus-Telefunken

À fototelegrafia é a transmissão de imagens fixas, fotos, autógrafos cheques, letras impressas, etc., sendo desta forma que se tem publicado, em S. Francisco da Califórnia, cópias de jornais publicados em New York duas horas antes.

A fototelegrafia pode ser feita por meio de fios telegráficos ou telefônicos ou ainda pela rádio.

Diversos sistemas estão sendo adoptados em vários países.

O sistema Belin é usado em França, na China e parte da Inglaterra.

Karolus, na Alemanha, Rússia e Japão.

Fultograph em Inglaterra.

Todos estes sistemas dão resultados perfectos.

A televisão é a transmissão de imagens

procuram fazer reproduzir fitas de cinema tal como se difundem hoje a voz e os concertos de música pela rádio.

Os sistemas de televisão Baird e Jenkins não atingiram ainda os resultados que eram de esperar, pois não têm passado do campo experimental.

Um conhecido engenheiro americano, Farnsworth, anuncia que ainda este ano teremos televisão portátil como recebemos a rádio.

Acreditamos mais que o engenheiro Farnsworth consiga o seu *desideratum* que Marconi falar com os planetas, como há pouco se anunciou!

ÁLVARO CONTREIRAS.



Philo T. Farnsworth com o seu receptor de televisão, que parece ter resolvido definitivamente o problema de televisão nos laboratórios de televisão de S. Francisco da Califórnia



O célebre inventor Dr. Lee de Forest (o 4.º da esquerda para a direita) assistindo a uma demonstração do telecinema sistema Jenkins (americano)



Oferta de um aparelho de T. S. F. ao Asilo-Escola António Feliciano de Castilho pelo nosso colaborador Alvaro Contreiras no momento da audição de um concerto emitido pelo posto da Hertziana

animadas, duma maneira geral, e quando empregada pela rádio toma o nome de radiovisão.

Há ainda o telecinema, aspiração máxima dos sábios engenheiros da actualidade, que



# GLORIAS PASSADAS

## Como era a Nau São Gabriel em que o Gama foi á India

**A** GORA que muitos portugueses tem visitado Sevilha e visto ancorado no Guadalquivir o modelo da «Santa Maria», a caravela célebre onde Cristovão Colombo partiu no rumo das descobertas, não será descabido dizer alguma coisa a propósito da «São Gabriel», onde o nosso Gama cumpriu a primeira volta da Índia em dias do feliz reinado do Senhor Rei Dom Manuel.

Decerto muitos espíritos poucos lidos em matéria náutica julgarão a dita nau como alterosa e gigante fabrica dos arsenais portugueses, erigida de bocas de fogo e comportando no seu bôjo amplo centenas de tripulantes e vastos paióis de munições e mantimentos. Quando a êsses dissermos que o navio almirante da frota do Gama era pouco maior do que essas faluas que vemos atracadas ao cais da Ribeira, será fácil que nos digam que mentimos.

Portanto, para da nossa afirmativa darmos testemunho idóneo, com a ajuda de uma excelente monografia do sr. Baldaque da Silva, official da nossa marinha de guerra, a

quem a comissão da Academia Real das Sciências de Lisboa encarregou, em 1892, de reconstruir o modelo da «São Gabriel», vamos descrever resumidamente as características do navio-chefe da primeira esquadra das Índias.

Serviram para identificação dessas características uma estampa que acompanha um manuscrito de 1558, uma outra inserta no livro carmezin, mamelino, do Arquivo Municipal de Lisboa, os quadros a óleo que estavam no convento da Madre de Deus e que representam o casamento de D. João II, o livro da Fábrica das Naus, de Fernando Oliveira, e ainda trechos dos *Lusadas* e o Roteiro da Viagem de Vasco da Gama.

Com êstes dados seguros e precisos foi possível, reduzindo as medidas do desenho às actuaes, determinar para a «São Gabriel» as seguintes dimensões:

Dezenove metros e meio (19,50) de comprimento na linha de flutuação.

Vinte e cinco metros e sessenta (25,60) de extremo a extremo.

Oito metros e meio de boca (8,50), correspondendo esta dimensão a um têtço do seu maior comprimento. Devia emergir a ré 2,30 e a vante 1,70 (!).

Os dados positivos que serviram para a determinação das dimensões indicadas foram os seguintes:

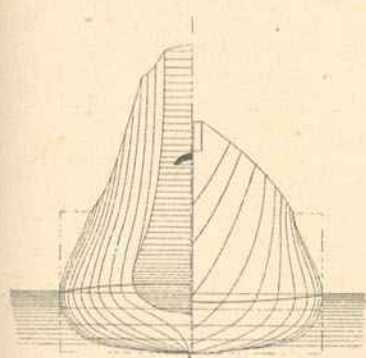
1.º—Que a tonelagem de porte da «São Gabriel» seria de 100 toneis.

2.º—Que o comprimento máximo do navio era igual a três bocas e que o comprimento entre as perpendiculares, descontado o beque, era igual a 2,294 bocas do navio.

3.º—Que o calado de água médio era aproximadamente igual a 7 pés em harmonia com a amplitude média das marés nas regiões onde o navio encalhava nas praias para limpeza.

Deixando de lado estas considerações que a leigos não interessam, tentemos dizer alguma coisa do arranjo interno do barco.

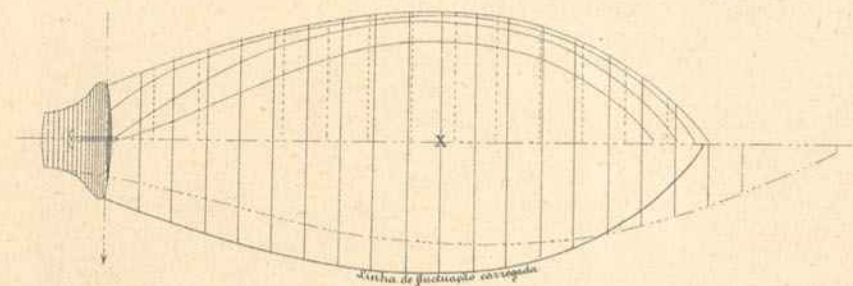
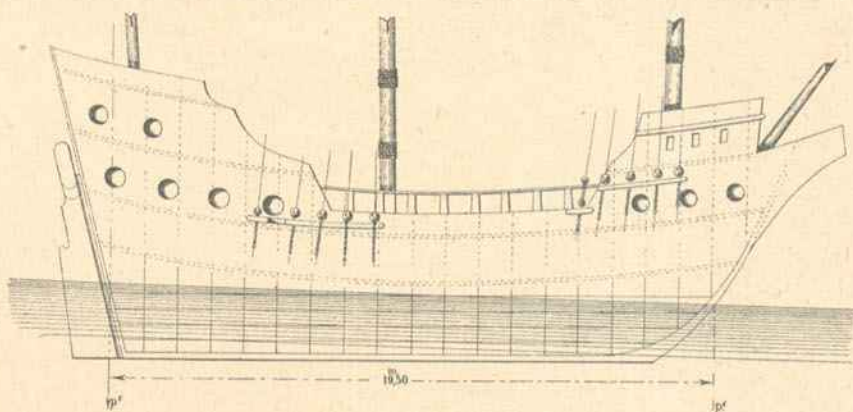
O porão, situado abaixo da coberta, era dividido em três secções distintas.



### Dimensões

Comprimento de extremo a extremo	25,6
Comprimento entre perpend. <sup>es</sup>	19,5
Boca na sua maior largura	8,5
Pontal a meio	5,2
Imersão média	2,0
Deslocamento expresso em toneladas	178,0
Tonelagem de porte	117,0

Escala 1/100





A meia nau os tonéis da aguada, tendo em cima a amarra de linho do navio. Na secção de ré o paiol da pólvora e mais utensílios de combate, pelouros de ferro, balas de pedra, etc. A secção de vante era destinada aos paióis de aparelho e velame.

Sobre a coberta levantavam-se duas anteparas, uma a proa outra a ré do grande poço da nau. Essas anteparas limitavam dois compartimentos para «gasalhado» ou seja para a acomodação cuidada de mantimentos, especiarias e artigos para presentes e trocas com os povos das terras que fôssemos descobrindo (sic).

O espaço médio era defendido lateralmente por baileus, debaixo dos quais se acolhia a maruja, servindo o meio para guarda da lança quando era içada para bordo.

No primeiro pavimento acima da coberta eram os castelos de proa e de ré, servindo de baterias, havendo ainda por cima do castelo de ré um outro também artilhado, onde passava a cana do leme e onde era o camarote do capitão-mor.

Como se vê, não era luxuosa nem cheia de comodidades a nau almirante da Conquista.

Se, porém, a suntuosidade fôra relegada na construção das naus portuguesas, a sua defesa, pelo contrário, não foi esquecida e a «São Gabriel», pequenina como era, comportava três baterias de artilharia. Duas nos primeiros castelos, acima das cobertas, e a terceira no castelo superior da pópa.

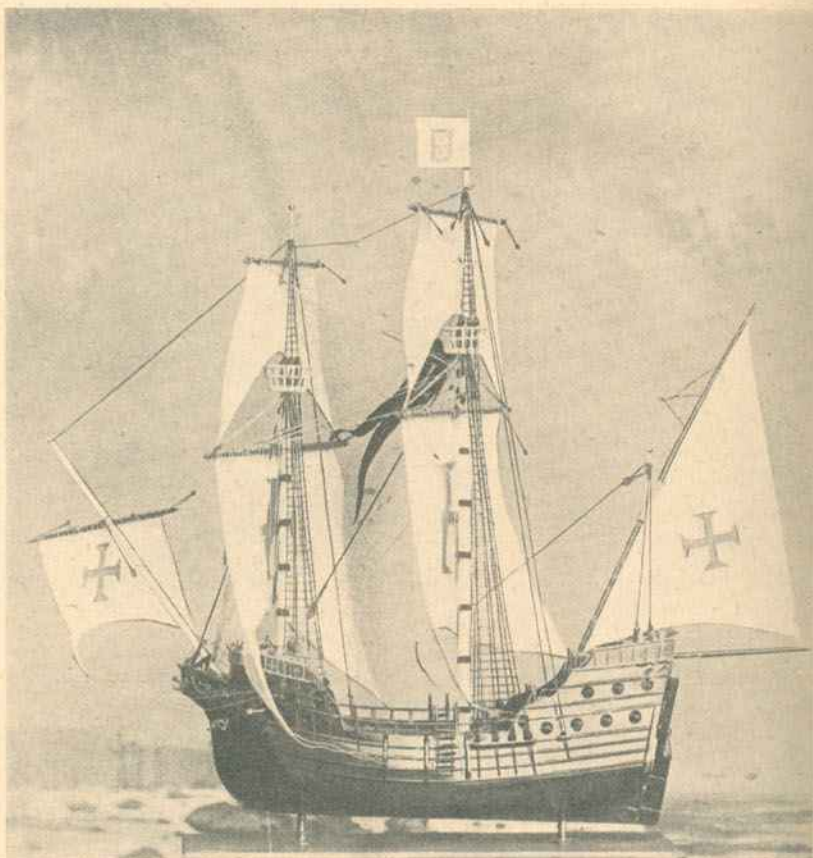
A bateria de ré montava 8 peças, quatro a cada bordo.

As duas restantes montavam três peças para bordo e eram bombardas de pequeno calibre.

Devia ser, portanto, de umas 20 bocas de fogo o artilhamento da nau.

Tinha duas âncoras, uma a cada bordo, feitas de ferro forjado com cepas de madeira.

O cabrestante para levantamento delas ficava no convés por ante a ré do mastro grande e era de eixo vertical, movido a braços por meio de barras, tal qual Camões explica:



O modelo rigoroso da nau «São Gabriel»

*«Fotem o cabrestante e, repartidos  
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra  
Outros quebram co'o peito duro a barra.»*

(C. IX, est. X)

O leme andava todo por fora do cadaste e a cana prolongava-se para dentro do navio e aí governava à mão ou com talhas dadas para um e outro bordo porque, muitas vezes:

*«Três marinheiros duros e forçosos  
A menear o leme não bastavam,  
Talhas lhe punham de hum e outra parte  
Sem aproveitar dos homens força e arte...»*

(Lus. C. VI, est. LXXIII)

Usava a pau uma bandeira branca, com o escudo manuelino, içada no tope grande e um estandarte encarnado pendente do cesto da gávia e esse era o distintivo da capitania, pois nela:

*«De todos adornada e lida de arte,  
Treme a bandeira, vã o estandarte.»*

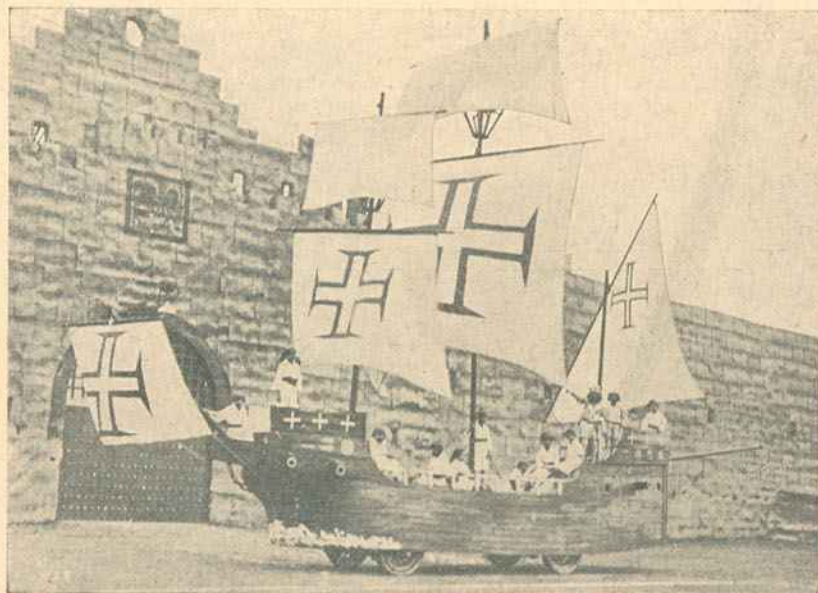
(Lus. C. II, est. LXXIII)

Aqui tem o leitor o que era a nau «São Gabriel». Um berço pequenino de tábuas leves, beijo dos pinhais da nossa terra, mandado lá longe às praias morenas dessa Índia misteriosa que foi o nosso maior sonho e a nossa mais lídima glória.

Quando pensamos na exiguidade da nau almirante da Frota do Mar das Índias vemos melhor a estatura do seu almirante e dos companheiros dele, nossos irmãos pelo sangue e, praza a Deus, nossos modelos pelo exemplo.

Nem as tórras, nem os homens, nem as naus se medem a palmos. Homens e almas se podem medir apenas pela grandeza do seu sonho e pelo amor da sua terra.

E o nosso foi grande, foi enorme. Tão grande como esse mundo que descobrimos e doámos, como esse sonho que realizámos e perdemos.



A nau «São Gabriel» que tomou parte num cortejo realizado em Macau e que é uma ampliação do modelo rigoroso





# SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOIRA

«...foi distribuída a acção de despejo contra Emiliane Carré, locatária de um andar de um prédio da rua do Alecrim, com o fundamento da sua ausência durante onze anos...»

(Dos jornais)

Não ficam deslocados, nesta secção, o comentário de uma ocorrência dos tribunais de Lisboa, nem o título que encabeça estas notas, título que, com toda a liberdade, surripiamos ao grande Eça de Queiroz. Não há nestas notas relação com o conto celeberrimo do mestre dos «Maias». Nem há alusão a nenhuma desditosa cleptomaniã a pedir conclave de juizes. A heroína destes comentários é, na verdade, uma singular rapariga loira, mas nunca roubou lenços da Índia nem peças de ouro a cônegos na jogatina. Se roubou alguma coisa, alguma vez e algures, foi algum coração desprezado... Porque esta heroína é Lily Damita... e a arguida perante os doutos juizes de Lisboa é a mãe da pequena bailarina que hoje conquista o mundo cinegráfico pelo seu talento e pela sua perturbante plástica, dominando os elencos americanos depois de ter sido o ídolo dos *écrans* da Europa.

Na própria ocorrência judicial vamos encontrar a resposta concludente ao enigma que, durante muito tempo, foi *prato* obrigado de todas as discussões e bisbilhotices de cinéfilos Lily Damita, ou melhor, Liliane Carré, não é portuguesa, mas viveu, em pequenita, na Rua do Alecrim desta doirada e pascéica Lisboa amável.

E é certo que há onze anos desapareceu, de tal forma enigmática e precipitada a sua partida, que a mamã, figura muito conhecida nos meios boémio-aristocráticos da capital, se esquecer de pagar as rendas e despejar a casa onde moravam. E como esse esquecimento fôsse estirado à feira, uma feira de onze anos consecutivos, vem agora a justiça defender os sagrados direitos dos proprietários... despejando os últimos vestígios da pequena Lily Damita para a rua do esquecimento.

Onze anos se passaram. Onze anos que são o período em que se desenhou a órbita ascendente do astro dessa linda e singular rapariga

loira, hoje ídolo do mundo inteiro nos *écrans* de prata do silencioso ou do sonoro. E a vida de Lily Damita, durante estes onze anos próximos, ficará registada minuciosamente no *Gotha* magnífico da nova aristocracia da arte, essa gigante biblia da bisbilhotice cinéfila.



O último retrato americano da deliciosa Lily Damita, ídolo mundial do cinema



Não faltará um detalhe no arquivo saboroso; honorários fabulosos da Europa e da pródiga América do Norte, ganhos a sorrir e a despir-casamento com um Hohenzollern, nem os se pela inolvidável protagonista de «A ponte



Anita Page todas as manhãs faz os seus exercícios desportivos. A sua formosura revigora-se, assim, de dia para dia



MC.13377

de S. Luís». Mas quanto mais em plena luz dos *sunlights* indiscretos estiver a vida de Lily Damita, mais se dissimulará na penumbra da triste casa da Rua do Alecrim a silhueta vacilante da pequenita Liliâne Carré e da mamã, que a acompanhava pelos *clubs* caros de Lisboa. E o mistério da sua partida, há onze anos, ficará indecifrável como o daquele grande artista e diplomata que há onze anos, também, apareceu morto em Lisboa... não se sabe onde nem porquê... Singularidades!... Singularidades de uma rapariga loira!...

AMÂNCIO CABRAL





# OS PESCADORES DA BARRA DE LISBOA

QUEM sai a barra de Lisboa apercebe, nos confins do horizonte, uma fileira de velas triangulares minúsculas, que ora alvejam como asas de gaivotas batidas pelo sol ora se confundem com a poeirada cinzenta do mar. A medida que nos aproximamos desses flocos de neve flutuantes as suas proporções aumentam e os seus contornos se detalham com nitidez, podendo-se já distinguir a azáfama que lá vai por bordo.

— São os buques de arrasto — elucidam-nos.

Meia hora depois, afastados já algumas milhas, os pequenos triângulos brancos parecem lençóis a agitar-se em despedida. Fica-nos então uma vaga saudade que o poeta soube tão bem cantar :

*Oh enxame alado e nevado das velas!*

*Quem te pôde esquecer se alguma vez te  
olhou?!*

Os buques de arrasto, que vieram substituir os antigos barcos de muleta, são a nota característica da entrada do Tejo. Quando do mar largo se avista a barra alvaca dos pequenos barquinhos, sabe-se que se está de frente da barra de Lisboa. Eles constituem uma referência para os navios estrangeiros que demandam o nosso pórtio. A segunda visita do navio, quando o timoneiro, atento à agulha e ao horizonte, vê germinar sobre o azul do oceano essas flores de açucena, já sabe que a uma dúzia de milhas encontra a foz do Tejo. Despreza então a bússola e apróia à inofensiva esquadra que, ao sabôr das ondas, vai aprisionando o peixe nas rédes.

Dalí a pouco o navio, rápido e imponente, passa junto dos barquinhos, fumegando e scindindo as águas que se afastam num torvelinho doído, sobrepondo-se furiosas com receio do monstro.

De bordo a marinagem saúda os pescadores, cá em baixo, sobre os buques sacudidos raivosamente pela ondulação do navio.

— *Ben die!* — dizem alguns que já ouviram o saúdar português. Outros proferem a salvação nas suas línguas arvezadas.

— *Salve-os Deus!* — correspondem cá do buque os pescadores agitando os braços.

Durante um bocado as tripulações do navio e dos barcos olham-se com curiosidade e simpatia. Depois, quando o vapor é já uma mancha negra empenachada de fumo, torna-se à jaina.

Cada um dos pequenos barcos de pesca da barra de Lisboa é tripulado por uma dezena de homens. A maioria deles são velhos, curtidos da ardência do sol do estio e das friezas das nortadas hibernais. Os seus rostos morenos estão engelhados como velhas folhas de pergaminho amarrotadas e engelhadas têm também as mãos ossudas e ásperas dos milhares de braças de cabo que têm puxado. Quasi todos começaram ainda meninos a trabalhar

sobre o dorso enrespado do oceano e raros são aqueles que o abandonam para se dedicar a outro modo de vida. Amam o mar com uma ternura infinita que se lhe adivinha na nostalgia com que, cá em terra, o seu olhar prescruta a planície azul nos dias tempestuosos em que esta é sacudida pela violência dos tufões que a varrem furiosamente como o simum africano lambe, com o seu hálito destruidor, as areias dos desertos.

Aí pelo dobrar das quatro horas, quando as estrélas ainda se reflectem vaidosamente nas águas obscuras, largam para o mar os buques. Içam as suas velas, a latina e a polaca, e ao sópro do vento amigo, lá vão, barra em fora, com um farol à prôa, avisadouro da navegação. O velho arrais, de mão fincada na cana do leme, vai governando o barquinho enquanto o resto dos tripulantes, embrulhados em mantas, completa o sono interrompido a meio da noite.

Quando o sol começa a empurpurar as águas já os buques pairam lá no mar, a umas oito milhas da costa. O vento muda então de quadrante e os pescadores, depois de se orientarem, a fim de evitar as rochas submarinas e as carcassas dos navios afundados, ali por alturas da barra, lançam a réde a umas setenta braças de água. Dão-lhe depois uma folga de duzentas braças e carregam o pano, que tinha sido recolhido, a fim de o vento impulsionar o barco, pois sem a colaboração do mitológico Eolo a pesca não se poderia efectuar.

A réde, que não é de grandes proporções, apresenta a forma de um triângulo isósceles. No vértice tem um saco com uma armadilha onde o peixe entra mas de onde não pode sair. Quando a réde está já no fundo a pres-

são de água abre uma das portas de madeira e a entrada do peixe fica livre. Na parte que se arrasta pelo fundo do mar há uns pésos de chumbo que não deixam vir a réde acima. Na parte superior há bóias de cortiça e de vidro que mantêm aquele pano da réde elevado acima do outro alguns metros. Fica assim uma vasta guela aberta que vai absorvendo tudo que encontra no seu rasteio.

O pescador depois descansa na cobertura, dormitando ou conversando, atento aos navios que constantemente cortam o oceano. Apenas o timoneiro, enconchando a ossuda mão sobre o rosto engelhado, vai prescrutando a terra que se avista ao longe e procurando as marcas para não dar com a réde na rocha ou noutro obstáculo que a rasgue.

Embalado pelo mar, naquela indolência contemplativa, sob o azul do céu e o brilho intenso do sol, o pescador parece lançar ao vento, num desafio ao mundo, aquela quadra de Espronceda :

*Que es mi barco mi tesoro,  
Que es mi Dios la libertad,  
Mi ley la fuerza y el viento,  
Mi única patria la mar.*

Aí por volta das 15 horas, depois de seis ou sete horas de arrasto, o buque chega de frente do farol da Guia. Inicia-se então o trabalho mais árduo, o «virar» da réde com o guineho manual. Todos os tripulantes se lançam às manivelas a içar o valioso saco. Os músculos seccos sob a pele encortigada dos velhos pescadores, retezam-se e tornam-se-lhes mais nodosos os braços. Os rostos contraem-se e a pele morena parece que vai estalar, deixando a descoberto sulcos de carne viva e



Puchando as rédes carregadas





O barco pairando para efectuar a pesca.

sangrenta. Ao incitamento do arrais os esforços unificam-se num valente impulso e o guincho ferrugento começa a ceder, chiando um arrastada cantilena que compassa o vociferar dos pescadores, em cujos rostos começam a scintilar grossas bagas de suor. Este esforço extenuante dura mais de meia hora. Por fim aparecem à superfície do mar as duas portas, que alguns pescadores vão recolher. Em seguida surgem as *malhetas*, que são os

cabos que estão ligados à rede, e depois de mais umas voltas do guincho gemedor aparecem as malhas desta. Os pescadores abandonam então as manivelas ferrugentas e dirigem-se para a borda do barco a puxar a rede, cujo saco, já à flor da água, vem inchado de peixes que se debatem numa luta doida para se libertarem das malhas que os aprisionam.

O espectáculo que até aqui era monótono e rude toma um aspecto festivo e colorido. As

mãos ansiosas dos pescadores agarram num talhão do saco e despejam-no na coberta. Milhares de peixes, aos quais o sol arranca scintilações de prata polida, saltitam e se contorcem na coberta, verdascando-se com os rabos e ensanguentando-se com as barbatanas. Uma santola trucidada e uma pescadinha já morta e um grande exército de caranguejos de armaduras de lama vai devorando os pequenos peixinhos. Outro talhão do saco é despejado, com grande reboliço, sobre a coberta, que ecóia cavernosamente à queda de alguns búzios de arestas agressivas. Outros talhões vão sendo recolhidos até que a rede é metida toda a bordo. Na coberta eleva-se um grande monte policromo de peixes de várias espécies, sobre o qual os caranguejos repelentes passeciam, como abutres por um campo de batalha. Os pescadores, porém, não lhe dão tempo a inchar o estômago com o lauto banquete. Apanham-nos e esmigalham-nos entre os dedos, atirando-os depois para o mar.

— Raça malvada! Dão-nos cabo do peixe!

Mestre Francisco da Maria Inês, que é o araris do buque *Joana*, a bordo do qual nos encontramos, toma a cana do leme para dar direcção ao barco.

— Então, mestre Francisco, que tal é a pesca?

— Não é má, não senhor!

— E todos os dias é assim?

— Qual! — exclama êle, fazendo uma carêta de enfatiado.

— Há dias que não apanham nada?

— Sempre vem alguma coisa: búzios e caranguejos — responde-nos com um sorriso de bom humor.

O barco, já com o pano carregado e as velas



A companhia mostra-se contente com a pesca que foi boa...



enfundadas, aprôa à barra. A bordo continua a escôlha do peixe: os caranguejos e pequenos peixinhos são atirados ao mar e o resto é metido em cabazes para ser apresentado na loja.

Escolhe-se a caldeirada para o nosso barco e despedimo-nos dos simpáticos pescadores:

— Boa tarde! Obrigado!

— Vão com Deus! — respondem-nos de bordo.

E o nosso barco, uma pequena lancha impulsionada por dois valentes moços, aprôa ao *Comandante Milheiro* que por ali paira ao sabor das ondas mansas.

O buque lá vai mar em fora escoltado por uma patrulha de gaivotas e alcatazes que, de vez em quando, mergulham na água para comer os peixinhos inúmeros que os pescadores atiram pela borda.

Lá ao longe, pela nossa prôa, surge uma esquadra de buques, que regressa também da pesca. Sobre eles uma nuvem de aves marinhas solta gritos festivos esperando o lauto hôdo de peixe.

Na ponte do comando, António Santos, piloto da valente estirpe de pescadores do sul, vai indicando-nos os nomes dos buques: o *Homem ao leme*, o *Camela*, o *Orca*, o *Almazorra*, o *Parâal*, o *Bata* e, lá ao fundo, o *Salta à lua*. Daí a pouco a esquadra, a todo o pano, desfila por nós. Um dos barcos, porém, vem atrasado e pede a ajuda de mestre José Lopes Terramoto, o encarregado do *Comandante Milheiro*. Como todo o bom algarvio, não recusa o auxílio aos pescadores e passa um cabo ao



De regresso, depois da pesca realizada

buque que, daí a pouco, já próximo de Cascais, desfralda as velas e, com a ajuda do vento, lá vai mar em fora.

— Obrigado! — agradecem os pescadores.

— Boa tarde! — respondem-lhes.

E os bons pescadores lá vão contentes, naturalmente convencidos que o mundo não é

tão mau como afirmam os homens que vivem cá em terra a degladiarem-se e a pelejarem numa luta quasi sempre inglória.

JOSÉ BARÃO.

(Fotos do autor)



As mãos ansiosas dos pescadores agarram num talhão do sacco e despejam-no...



# MODAS



DELICIOSO MODELO PRIMAVERIL DA CASA PERN-BARUSH, DE BERLIM, VESTIDO PELA LINDA ARTISTA PRL. VERDI. CREPE GEORGETTE ESTAMPADO, ORNADO DE PELE NO CASAQUINHO. CHAPRU DE TULES RECORTADOS, JOGANDO EM DESENHO COM O TECIDO DO VESTIDO. COLAR JOGANDO TAMBEM EM CORES COM O CONJUNTO

(Fotos Bruno Winterfeld)

EM RAINO — UM DELICADO MODELO PARISIENSE EM MALHA DE TRES TONS DE CASTANHO NO JERSEY-JAQUETA. SAIA DE TECIDO LEVE EM NEGRO OU «TÊTE-NEGRE». COLAR DAS MESMAS CORES, BOINA IDEM. LUVAS BRANCAS, EM «SUEDE», DE CANHÕES PICOTADOS.

(Foto Bruno Winterfeld)





EM BAIXO — UM DOS MODELOS MAIS ORIGINAIS E MAIS LINDOS DA TEMPORADA. VESTIDO NEGRO, «COLLANT», DE LINDO E ORIGINAL CORTE NAS ANCAS E NO «EMPIECEMENT» DA SAIA. GRANDE GOLA «MARIA ANTONIETA» EM CREPE «SOYEUX» ROSA PÁLIDO, CANGIÕES IGUAIS EM CORTE ONDULADO. MALA ORIGINAL, NAS MESMAS CORES. CHAPEU DE «BANDELETTE», TAMBÉM NEGRO, ORNADO COM UMA FOLHA ARTIFICIAL EM ROSA

(Foto Bruno Winterfeld)



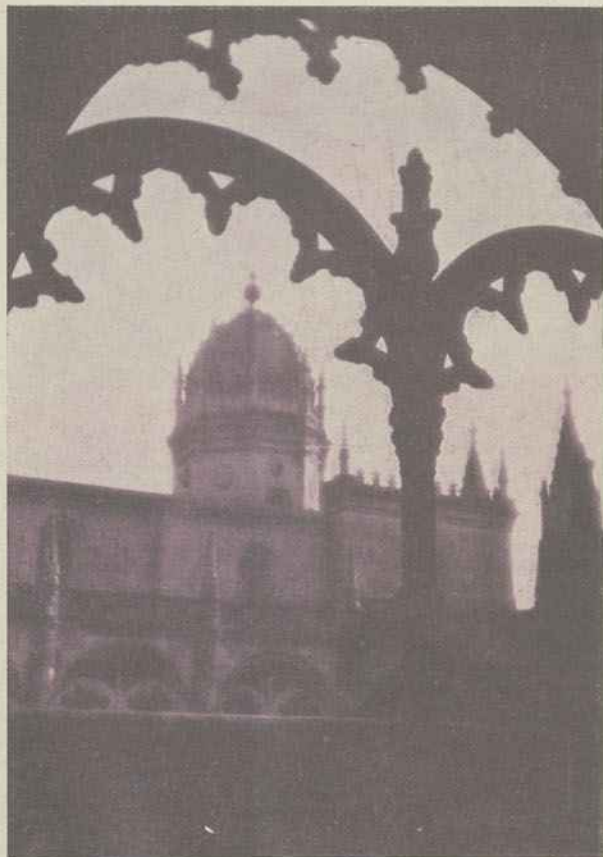
(Exclusivos de «Ilustração»  
transmitidos por Ortol)

UM ENCANTADOR E GRACIOSO MODELO ASSY OIM, DE BERLIM, VESTIDO, COM ESPECIAL ENCANTO, PELA ESTRELA DO FILME INA MARSHAK. JAQUETA, ASSETOADA E SEM MANGAS, EM VELUDILHO NEGRO, BOTÕES DE FANTASIA E FIVELA DE «STRASS», SAIA E CHAPEU EM «TWEED» BEIGE. LUVAS EM «SUÉDE» BRANCA

(Foto Bruno Winterfeld)

DE PARIS

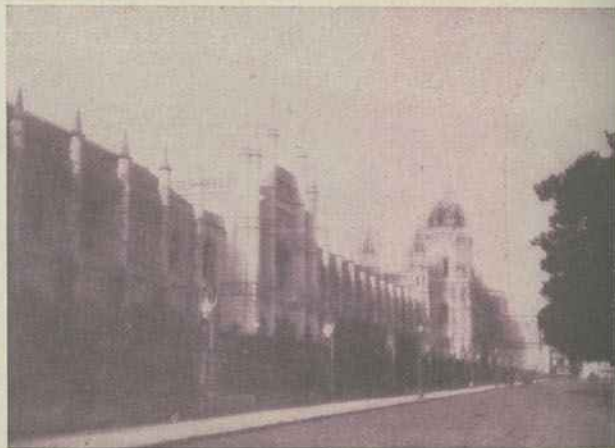




O Mosteiro de Belém, grande página manuelina, conhecida pelos Jeronimos, é, no dizer de críticos nacionais e estrangeiros, um dos mais famosos monumentos do mundo. Não há exagero nesta afirmação. A sua grandiosidade, a sua beleza arquitectónica, o seu significado histórico, dão, na verdade, uma soma de emoções que nenhum outro monumento pode oferecer.

Impossível falar dos Jeronimos sem falar da História de Portugal. Olhando essas paredes empobrecidas pelo tempo, já entoadadas, caruncho de idade extensa, os olhos vão mais longe, séculos atrás, e ressuscitam, nos scenários grandiosos de uma visão impressionante, o nascimento do Mosteiro de Belém.

Era a época doirada e autocrática das Descobertas. Naus carregadas de sonhadores, de visionários, de portugueses, rasgavam as mares, levando a Cruz de Cristo a terras de cafres e de piratas. Passavam os meses e os anos, num silêncio esfíngico, enquanto as famílias dos mercantes vinham para as praias perguntar ao horizonte, com olhares inquietos e demorados, quando regressavam os vencedores dos mundos de água. Faziam-se preces,



# OS JERONIMOS

## O grande monumento das descobertas

lançavam-se orações ao mar. E, um dia, numa mancha de sol ou numa redoma de nevoeiro, eles voltavam, rostos calcinados, trazendo fortunas nas naus vitoriosas, e levantando, mais alto, mais alto ainda, beijando o céu, a Cruz de Cristo, a cruz das nossas glórias!

Os Jeronimos tem origem nas nossas Descobertas e é obra do espirito religioso dos portugueses. Abre-se de novo o livro monumental da nossa história, que todos nós trazemos na memória. Na praia do Restelo, onde havia uma ermida que fora fundada pelo infante D. Henrique, mandara D. Manuel levantar, antes da largada da expedição de Vasco da Gama, um mosteiro, que, a seguir, entregou, com aquela ermida, aos monges de S. Jerónimo. Mais tarde, as primeiras notícias chegadas da Índia, dando conta de que as caravelas de Vasco da Gama rasgavam entrada definitiva e ampla para o Oriente, entonteceram o rei Venturoso D. Manuel, esse rei megalomano, soube, porém, ceder ao seu temperamento e espalhar magnificência na obra monumentalíssima que mandou fazer do Mosteiro de Belém. Riqueza e deslumbramento, um sonho-grande a que Vasco da Gama dera maior realidade ainda, tornava-se, pois, numa obra que é a maior consagração dos nossos descobridores.

O Mosteiro dos Jeronimos, que aparece em todas as guias e em todos os idiomas, é um dos nossos grandes motivos de atracção de estrangeiros. Ao domingo, o povo, de todas as classes, visita-o, e fica-se a olhá-lo, num vago ar de assombro, como se visse surgir

mas suas paredes as figuras estranhas dos homens que provocaram a sua fundação. Os estrangeiros, turistas acostumados a ver o mundo com um método cinematográfico, guardam para aqui a maior soma de tempo, e, quando partem, levam desta visita a convicção de que os pequenos países, tal qual os pequenos homens, sabem traçar grandes atitudes, grandes feitos, grandes monumentos.

Ninguém se pode fatigar, e muito menos sendo português, repetindo as suas visitas aos Jeronimos. Logo de entrada, vem receber-nos uma doce tranquilidade e uma meia sombra que nos acalma, que nos dispõe bem. Corre-se a Nave, toda mergulhada em silêncio, numa paz religiosa. Dizem os críticos, diz, por exemplo, o dr. Reinaldo dos Santos, que esta nave é das mais famosas do mundo pela originalidade das proporções, dando um aspecto de gruta. E já não se pode parar nesta romagem de emoção religiosa e principalmente artística. A capela-mor, por exemplo, verdadeira capela de riquezas, onde estão um precioso sacrário de prata e um retábulo da paixão de Cristo. Aqui estão enterrados os reis D. Manuel e D. João III, e as rainhas D. Maria e D. Catarina em maravilhosos sarcófagos de mármore. Chegamos ao claustro, que o dr. Reinaldo dos Santos, reportando-se a Haupt, considera o mais belo do mundo. Diz aquele ilustre crítico: «Primitivamente este claustro, no plano original de Boyac, devia corresponder apenas aos quatro largos abobadados com os arcos mancha-dos para o terreiro, cobertos de ornatos naturalistas e emblemas tradicionais do rei».

Nada deve escapar aos olhos do visitante. Todas estas pedras seculares, cobertas de patina, nos falam de épocas maravilhosas. Os



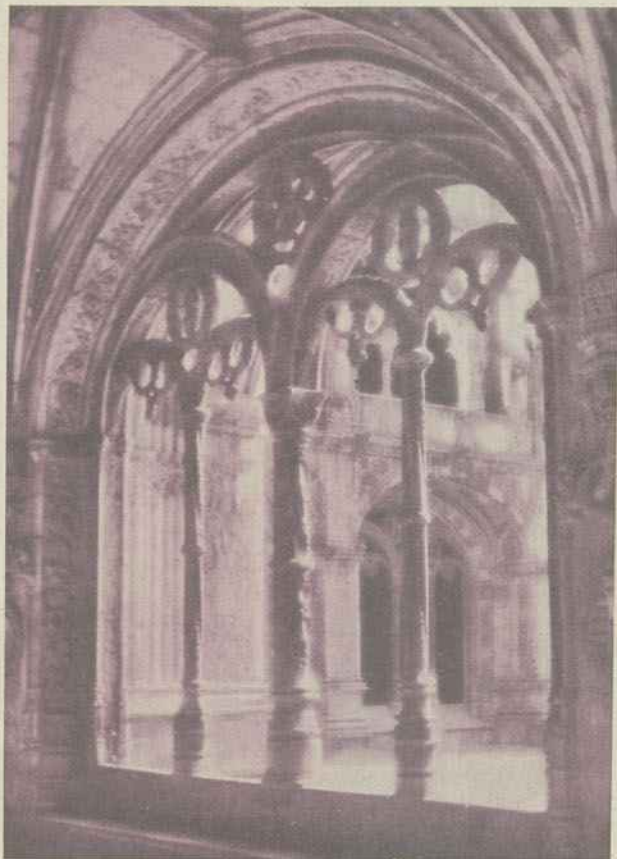
maiores artistas foram chamados para edificar este monumento, e do seu esforço, mereço do espirito religioso de D. Manuel, resultou esta obra que assombra os olhos e as almas.

A sacristia, considerada também uma das mais belas realizações, é de uma marcada harmonia. Outros e numerosos aspectos dos Jeronimos, preciosos pela riqueza e, até, pela importância decorativa e artística. Os baixos-relevos do caderal do edro, o refeitório, a fonte do Claustro, o baixo-relevo da capela do Transepto, o púlpito do Cruzeiro, obra máxima, certos detalhes das abobadas, certos pormenores dos pilares da nave, enfim, todos os aspectos interiores deste Mosteiro que faz ciúmes a todo o mundo.

E, por último, os três túmulos que ninguém pode esquecer. O de Camões, o de Hercolano e o de Junqueira. Três arcos que guardam três génios, que encerram três épocas. Ajoelhar ante estes túmulos, sob as abobadas deste mosteiro, é ter a impressão de que se ajoelha dentro do coração de Portugal.

GUEDES DE AMORIM

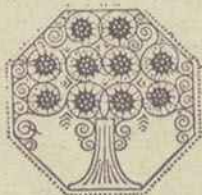
(Foto H. de Nardi)





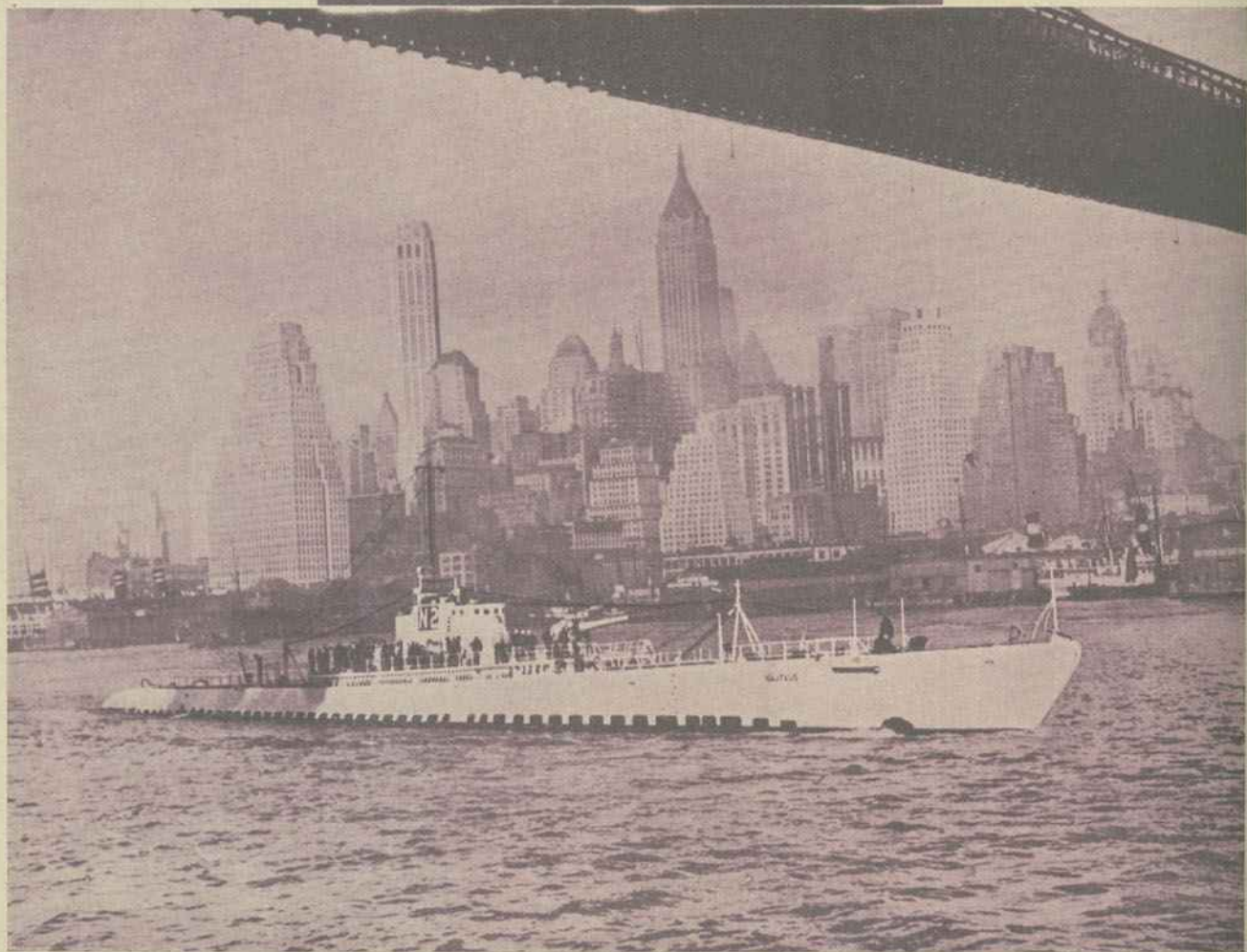
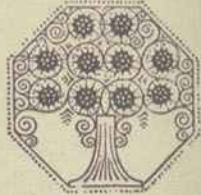
UM  
SUPER  
SUBMARI-  
NO

O mais moderno e perfeito submarino da esquadra americana, o n.º U-6, baptizado de «Nautilus», e que é, também, um dos mais belos barcos do mundo, visitou agora, pela primeira vez, Nova York. A nossa bela foto reproduz o momento em que ele passa sob a ponte de Brooklyn, num cenário feérico, uma visão do futuro.



UMA  
SUPER  
ESTRAVAGAN-  
CIA

Os americanos são, na verdade, os áses da extravagância. Até nas modas influi o seu gosto, pronunciado pela excentricidade. Reproduzimos aqui uma das últimas criações da moda yankee: Um pull-over de malha fina, em branco, tecido com notas musicais a negro, reproduzindo estribilhos em voga ou expressamente compostos.





# HISTÓRIA

## do que succedeu a um português

# EM PARIS

/contada em tom de conversa/

A ninguém, absolutamente a ninguém — tenho a certeza — aconteceu em Paris coisa mais engraçada, mais extraordinária do que ao meu patrício e meu amigo, José Lourenço da Conceição Oliveira.

José Lourenço de Oliveira morreu há dois meses, numa de suas numerosas quintas, perto de Coimbra. E este facto bem lamentável permite-me agora que lhes conte a sua estranha, a sua formidanda história de Paris.

É que durante mais de vinte anos, estive acorrentado à promessa de não a desvendar.

Fui mesmo forçado, na tarde em que ele me lêz o relato daquela sua aventura, a jurar, a dar a minha palavra de honra de que nunca diria nada a ninguém.

— Tu bem vês, considerou atiladamente o Zé Lourenço... É que se isto consta, é uma chacota na Assembleia! E quem me conhecer, nunca mais deixa de vir com umas certas gracinhas... umas certas beliscaduras...

E antevendo até a perda total da consideração, do respeito social que a terra lhe tributava:

— Se calhasse, até os garotos de pé descalço me assobiavam e me jogavam a sua piada.

Tinha acabado naquele momento de ouvir,

num desabafo, toda essa história malfadada. Tinha rido com ele no fim. E compreendia a sua ingrata posição na Assembleia, em frente de conhecidos e desconhecidos, perante os próprios garotos da rua — se aquilo fôsse espalhado. E com o seu nome, José Lourenço da Conceição Oliveira, capitalista, chefe local dum partido político, homem de sorte em negócios; em negócios de amor, sobretudo!...

Era o diabo, não havia dúvida.

Estendi-lhe a mão amiga:

— Homem! podes ficar descansado. Por mim ninguém saberá nada. Palavra de honra!

E mantive a minha palavra.

Zé Lourenço morreu. Ninguém o pode já molestar com chacotas. No seu grémio, os parceiros do voltarete, não suspenderão as cartas, para ouvir e comentar o caso aprazível. E se o fizerem, podem rir à vontade, que nenhum enfado lhe causam já. Os garotos continuarão ouvindo falar com saúde e com deferência do sr. Oliveira da Quinta da Coutada — nome por que foi conhecido em



todo o distrito — homem rico, influente, irresistível em questões de mulherêdo.

E eu posso, portanto, contar a história.

Porque merece a pena.

Porque a ninguém, absolutamente a ninguém — tenho a certeza — aconteceu em Paris coisa mais extraordinária e mais engraçada.

Fôz na Farmácia do Ferreira, num belo dia, éramos ambos rapazes, — lembro-me disso perfeitamente como se fôsse hoje — que Zé Lourenço tomou a decisão de ir a Paris, logo que entrasse na posse do que era dêle. Por outras palavras: logo que o pai morresse.

— Deus o avivente! Mas se um dia o velhote se vai, e recebo a maquia, não tardo seis meses lá.

Lá — era Paris.

Tinha acabado de falar de Paris, o Brito, criado grave do D. António de Meneses.

O Brito conhecia Paris como os seus dedos. Estivera lá dois anos com o sr. D. António; era ele então ministro de Portugal em França. E vira tudo aquilo. Conhecera a gente mais graúda. Servira-lhe muitos banquetes. Um dia até — contava, ainda todo

t.









— Ó Zézinho, — recomendava o Melo das beixigas e da Fazenda, — vêja lá!... não se esqueça!...

E explicava, contentíssimo, abraçando os conhecidos pela cintura:

— Pedi-lhe para me trazer uma francesa, das boas... dessas com as pernas muito bem feitas, muito bem torneadas...

Jogavam-se chalaças. O nosso homem, coberto de abraços, guindara-se à carruagem. Ferreira pedia a compra de especialidades farmacêuticas. O Dr. Pina, médico do Hospital, aconselhava juízo e muita higiene.

E o major Trigueiros, sempre incendiado pelo seu patriotismo, lembrava:

— Lourenço, não se esqueça que é português! Não se deixe enganar ou espelhar por essas francesas. Faça-lhes ver sempre que fomos nós, aqui em Portugal, aqueles que ferimos de morte as águias napoleónicas.

E quando ia para contar que o próprio Napoleão tinha dito que éramos os primeiros soldados do mundo, o combóio apitou, e partiu, levando, entre vivas e palmas, o Zé Lourenço para Paris.

ziada», e a promessa de nos contar muita coisa quando voltasse.

Assim o fez.

Contou.

Como o Brito, como todos os Britos que voltam de Paris, disse coisas fantásticas, extraordinárias.

Com Zé Lourenço já não tinham sido condessas... Upa! Uma princesa russa; a mais linda mulher que tinha visto em Paris! Tinha até querido vir com ele para Portugal... Foi uma massada para lhe tirar aquilo da cabeça...

E mulheres casadas?!

— Ó meninos, eu chegava a um *cabaret*. E era logo as que eu quisesse. Levantavam-se de ao pé dos maridos, e vinham beber cerveja comigo. Assim mesmo! Aquilo são...

— ...umas cabras, pelo que eu vejo, — completou o major Trigueiros, patriota e chefe de família.

— Mas muitíssimo boas, ó major, justificava o Zé Lourenço. Olhe que duma vez...

E contava mais, contava sempre. Mulheres para aqui, mulheres para além. Casas como palácios, onde apareciam trinta, quarenta, cem mulheres, todas trazendo, num sorriso, a oferta preciosa do seu amor.

Todos nós, banzados, ouvimos aquelas formidáveis aventuras. Zumbiam-nos, tontos, os sentidos. O Melo da Fazenda, barbeado nessa altura, a morder o charuto, quis saber se havia lavadinhos e lavadeiras em Paris.

— Não sei. Deve com certeza haver. No Sena... Mas eu, não vi. Nem merece a pena, ó Melo, andar a espreitar pernas pelos lavadinhos... Para quê? A gente tem todas as que quiser... e ali... à mão!...

Então o Melo ainda perguntou se a cozinheira do hotel havia vindo também ao quarto do nosso herói.

Que não. Nem sabia se o hotel tinha cozinheira, porque nunca tinha comido lá. Comia nos *boulevards*. Mas não querendo ficar atrás do Brito, baixou a voz, e confidenciou:

— Mas vinha a dona, uma linda mulher... E a filha, que tinha 18 anos, e era um amor...

E todos à roda, suspiraram:

— Ai! quem me dera ir a Paris!...

— ...Paris! Paris!...

Anos passaram. Zé Lourenço nunca mais saiu da terra. E nunca mais falou das suas aventuras de Paris. Chegou até a dizer um dia, distraído:

— Gostei. Mas por cá, a gente arranja-se também.

Zé Lourenço tinha, ao tempo, várias concubinas. Uma espanhola que viera num circo de cavalinhos — a Pepita, por quem toda a terra se apaixonara — ficara de casa e puca-riinho com ele. Outras eram criadilhas geitosas, a quem seus dinheiros e uma folgada situação atraíam.

O Zé Lourenço — tinha-me esquecido de lhes dizer — fora sempre assim: um doidinho por sopeiras. Tirante mesmo aquelas aventuras de Paris, e a Pepita, o resto eram

aventuras domésticas, e sempre e só com domésticas.

— Homem de muitíssima sorte com mulheres, assim o consideravam, e com razão, na terra! E quando até alguém falava d'ele, e com aquela aura de Paris e as suas famosas conquistas de Paris, tinha-se a impressão de ver um sapo escancarando a bocarra e devorando quantas inocentes doninhas ao seu alcance passavam.

Mas porque não falou mais Zé Lourenço, de Paris?...

Só o soube nessa tarde em que me fez, por velha amizade, aquela cómica e dolorosa confidência.

Zé Lourenço, afinal, apenas conhecera uma única mulher em Paris!

Dera com ela horas depois de ter chegado. Perfeitíssima rapariga. Uma verdadeira parisiense; muito gentil, muito elegante... Uns olhos, e uma bôca, um seio, e umas pernas que eram um assombro. Zé Lourenço cruzara-se com ela à porta das Galerias Lafayette. Seguiu-a com a vista, levando alguns encontros de franceses indignados... Ela sentiu o seu olhar; voltou-se. Foi-lhe no encaço, admirando-a ainda melhor.

— Rica e preciosa mulher! Uma francesa catita!

De vez em quando parava, a fingir que olhava os chapéus as jóias, os sapatos que estavam nas montras. E mirava-o de esguelha. Sorria-lhe. Bem dizia o Brito... Era assim mesmo: bastava um português aparecer!

E aquilo corria às mil maravilhas. O pior para Zé Lourenço era não saber falar bem a língua dela. Mas a mulher continuava a sorrir. Já parara mais duas vezes, varando-o com aqueles olhos de endoidecer um santo... Deixá-lo! Sempre havia de se fazer entender. E atreveu-se... um pouco de embaraço no





## Operações em peixes . . .

começo... ela, muito amável a ajudá-lo nas frases... um riso encantador quando ele se enganava — como todas as francesas, afinal.

Quando soube que ele era português, ficou doida! Não havia dúvida: tinha razão o Brito. Grande povo!

Lembrou-se até nessa altura da frase do Trigueiros; essas proezas das descobertas do caminho para a Índia, para o Brasil...

Ele tinha também descoberto — uma grande mulher! E estava contentíssimo.

Quando a Ninon, nome que ela então lhe deu, quis saber de Portugal, disse coisas bonitas — da beleza das paisagens, dos costumes pitorescos... Das mulheres portuguesas é que não.

— Muito massadoras. Muito bisonhas e muito ariscas. E feias. E vestindo-se mal. Se fôsem como as francesas, *Mademoiselle*...

Ninon, embora lisonjeada, repreendeu-o: — *Çá ce n'est pas gentil pour les portugaises; vous savez?*...

E envolveu-o num dos seus perturbantes sorrisos de sercia.

Ao longo das três semanas — vinte e dois dias justos — que Zé Lourenço esteve em Paris, Ninon foi a sua constante, única e ideal companheira. Uma ternura de rapariga! A verdadeira francesa; a parisiense, com todas as suas galantarias.

Para quê andar à toa, à busca de aventuras, se Paris inteiro estava ali ao seu alcance, no corpo fragante e voluptuoso, na alma delicada daquela deliciosa mulher?

Foi ela só, portanto — e a verdade era aquela! — a sua única aventura de Paris.

O resto, haviam sido histórias inventadas, para não fazer má figura, para não ficar atrás do Brito, o mordomo do D. António de Meneses.

Não havia dúvida que aquilo era assim, como o Brito contara, como todos os Britos que vão a Paris, contam depois. É certo que todas as mulheres se metiam com ele, mesmo ao lado da Ninon. E houve uma princesa russa que, efectivamente, lhe mandou um bilhete, por um *chasseur*, num restaurante... E a dona do hotel, uma bela senhora, se ele tivesse querido...

Mas Ninon foi o seu único amor de Paris.

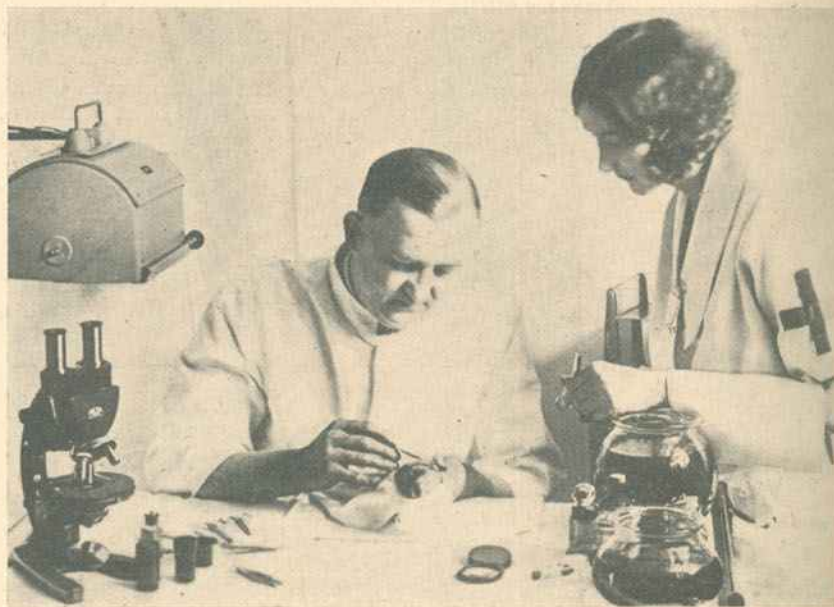
Fiel. Delicada. Nada exigente. Nada lhe pedindo. Claro que fez despesas com ela, em passeios, em noitadas... E comprou-lhe — era natural — umas jóias, um vestido, um chapéu, um casaco de peles... para lhe agradecer as suas amabilidades. É que ela defendia-lhe a algibeira. Escolhia sempre os restaurantes mais em conta... Não deixava que ninguém o enganasse... De tal forma, que às vezes tinha até de lhe ralhar:

— Porque não vamos para um camarote?

— Para quê? — observava ela. — Para que há-de gastar mais dinheiro. Se estamos até melhor na plateia... *Si je suis partout bien, près de toi*...

Encantadora; não era? No fundo, como todas as francesas...

Só não gostou duma coisa... Uma noite, depois de ela o ter acompanhado ao hotel, faltaram-lhe cigarros. Voltou a sair. E veio encontrá-la à porta dum café de Montmartre, emparelhada com outra mulher, uma daquelas desgraçadas que andam por ali, rondando os estrangeiros...



A cirurgia avança de momento a momento. Da intervenção nos organismos superiores passa-se à intervenção cirúrgica nos animais. A veterinária tem realizado prodígios zoológicos. Ha porém uma especialidade que só é cultivada pelo professor James Pelmer, de Toronto, Estados-Unidos. Este iminente zoólogo, director dum

dos mais extraordinários aquários do mundo, tem realizado muitas operações cirúrgicas em peixes. A nossa foto representa-o no curioso momento de realizar uma das suas intervenções num peixe, exemplar raro da sua colecção e que se encontrava doente.

(Foto Orris)

Ninon explicou-lhe. Era uma antiga amiga, que se perdera na vida, coitada... Ia para casa. Encontrou-a. Porque não lhe havia de falar?



— Podiam confundir-la contigo, — observou Zé Lourenço. — Era por isso.

E por isso não tinha gostado. Como não gostara também do que se passou no Quai de Orsay, à despedida.

Ninon viera dizer-lhe, adeus; um lenço branco; o seu lindo sorriso; algumas lágrimas boiando nos olhos.

Beijaram-se com amor, diante de toda a gente, como se estivessem sós. Em Paris o beijo é natural, é livre — dá-se. Ninguém repara.

Ninon era Paris que ficava. Beijou-a, portanto, como se beijasse Paris todo inteiro.

E entendeu dizer-lhe, com verdade, sentimentalmente:

— Como os dias me vão parecer enormes em Portugal, Ninon! Longe de ti. Perto de todas aquelas mulheres, tão massadoras, tão bisonhas, tão estúpidas...

No seu francês de parisiense, picante, malicioso, ela observou-lhe de novo:

— *Tu sais... Ce n'est pas gentil*...

Frisou mesmo que era mulher também. Que não gostava de ouvir dizer mal de mulheres. Que as portuguesas...

Zé Lourenço atalhou e exclamou:

— Ó Ninon tu és Paris. Tu vales todas as mulheres portuguesas!

Foi então que Ninon — em muito bom português — lhe disse que o seu verdadeiro nome era Maria Rita. E que tinha nascido na Covilhã.



# MOTORES

## UM POUCO DE ESTATÍSTICA, MEUS SENHORES

**H**á quem tenha horror aos algarismos. Pois, a nosso ver, eles constituem uma linguagem interessante. Pouco própria a figuras de retórica, a vãos literários, é bem certo, mas, por isso mesmo, sem sofismas, mais concreta e prática.

Os caracteres seus irmãos, as letras, são mais falsos. O seu sentido, por vezes, é de tal forma dúbio, que se recorre ao algarismo, a confirmar ou a contrariar, a pôr, enfim, os pontos nos *i*.

De resto, a vontade educa-se.

E, conquanto, sem a velocidade de pretendermos ir contra a fobia do algarismo de que algum nosso leitor possa estar possuído, damos-lhe maneira de fazer um estudo comparativo, donde resultará avaliar o grau de prosperidade dos diferentes países, pela correspondente cifra dos automóveis em circulação.

Os algarismos a seguir publicados, permitem julgar a actividade dos vários países do globo, bem como nos continentes que constituem as cinco partes, segundo rezam os compêndios de Geografia.

Entre elas, olhemos com mais atenção para a nossa mãe Europa, e veremos que, economicamente falando, ela está, sob o ponto de vista do automóvel, numa preponderante situação.

Se o aumento da circulação total no mercado inteiro, se marca por 2,1 %, os algarismos que à Europa dizem respeito proclamam 9,6 %, ao passo que todas as Américas dão só 2,7 %. Destas, os Estados Unidos mostram apenas um escasso meio por cento.

Em 31 de Dezembro de 1930 circulavam nos cinco continentes do globo, 35.810.768 veículos automóveis, dos quais três quartos pertencem à América do Norte.

1930 deu-nos, sobre o anterior ano, um aumento de 741.102 veículos; destes, 472.422 pertencem à Europa, que, a-pesar de velha, não está fazendo má figura, como se vê.

As nações onde este aumento se fez mais sentir, são: a França com 178.000 veículos a mais do que em 1929, a Gran-Bretanha com 83.723 e a Alemanha com 49.656.

Do lado de lá do Atlântico Norte, os Estados Unidos tiveram um acréscimo de 126.094 veículos automóveis, batidos pela França, como se está vendo.

### Circulação mundial comparada

	1929	1930	Aumento
África .....	351.931	323.496	28.435 — 8,8 %
Estados Unidos .....	28.788.238	28.608.927	182.311 — 0,5 %
América .....	2.907.289	2.041.072	866.217 — 2,7 %
Ásia .....	551.497	522.419	29.078 — 5,5 %
Europa .....	5.287.472	4.815.050	472.422 — 9,6 %
Oceania .....	831.000	802.774	28.886 — 3,6 %
<b>Total .....</b>	<b>35.810.768</b>	<b>35.669.666</b>	<b>741.102 — 2,1 %</b>

### Aumento por nações

França .....	178.000
Estados Unidos .....	126.094
Gran-Bretanha .....	83.723
Alemanha .....	49.656
Canadá .....	45.626
Itália .....	28.037
Argentina .....	21.739
Bélgica .....	17.672
Países Baixos .....	16.050
Nova Zelândia .....	15.992
África do Sul .....	14.360
Suécia .....	14.324
Tcheco-Slováquia .....	11.376
Suíça .....	10.167

Omitimos os países com aumentos inferiores a 10.000 veículos.

### A circulação nos diferentes países

#### Europa

	Veículos	Turismo	Camions	Autobus	Motos
Albania .....	430	—	—	—	—
Anstria .....	40.000	22.800	17.600	—	30.300
Açores .....	647	556	39	52	69
Bélgica .....	158.000	103.000	53.500	1.500	51.374
Bulgaria .....	3.715	2.589	1.126	—	597
Tcheco-Slováquia .....	74.000	50.000	21.000	3.000	38.000
Dantzig .....	1.952	1.200	700	52	1.050
Dinamarca .....	110.324	78.541	30.620	1.163	23.349
Estónia .....	2.910	1.650	1.100	160	480
Ilhas Feroe .....	67	18	32	17	—
Finlândia .....	36.050	23.800	10.000	1.350	5.450
França .....	1.500.387	1.099.380	401.007	—	500.000
Alemanha .....	658.686	484.838	157.432	12.416	731.237
Gibraltar .....	651	597	101	43	47
Gran Bretanha .....	1.538.032	1.110.930	346.237	100.865	702.878
Grécia .....	18.500	—	—	—	1.300
Países Baixos .....	120.700	73.500	43.800	3.600	32.300
Hungria .....	20.019	13.979	5.342	797	11.400
Islândia .....	1.226	475	751	—	100
Irlanda .....	47.198	38.878	7.558	764	7.089
Itália .....	269.500	203.000	61.000	8.500	87.500
Letónia .....	3.915	2.115	1.400	340	1.700
Lituânia .....	2.344	1.444	519	381	735
Luxemburgo .....	8.313	5.743	2.456	114	2.264
Malta .....	2.280	1.500	230	580	380
Monaco .....	1.690	1.490	750	50	250
Zelândia Norte .....	27.728	20.284	6.302	1.052	6.405
Noruega .....	47.438	27.910	17.433	2.995	6.457
Polónia .....	38.700	27.500	7.000	4.200	7.000
Portugal .....	31.040	21.000	10.040	—	2.050
Rumania .....	37.000	27.000	7.500	2.500	2.050
Espanha .....	189.650	133.395	59.345	—	37.500
Suécia .....	151.150	108.650	39.300	3.600	59.000
Suíça .....	79.100	63.000	15.800	300	46.500
Rússia .....	30.910	13.590	16.490	1.830	9.039
Yugo Slávia .....	12.800	10.000	2.800	—	4.300
<b>Total 1930 .....</b>	<b>5.287.472</b>	<b>3.774.161</b>	<b>1.343.760</b>	<b>150.601</b>	<b>2.430.378</b>
<b>Total 1929 .....</b>	<b>4.815.050</b>	<b>3.416.530</b>	<b>1.226.575</b>	<b>134.629</b>	<b>2.158.222</b>
<b>Aumento .....</b>	<b>472.422</b>	<b>267.611</b>	<b>117.185</b>	<b>15.972</b>	<b>272.156</b>
<b>Porcentagem .....</b>	<b>9,6</b>	<b>7,8</b>	<b>9,6</b>	<b>11,9</b>	<b>—</b>



## Oceania

	Veículos	Turismo	Camions	Buses	Motos
Anstrália .....	593.510	409.000	122.400	2.110	95.000
Hawai .....	45.500	36.500	9.000	—	450
Nova Zelândia .....	189.777	154.674	33.294	1.309	37.411
Outros países .....	2.873	1.760	667	—	265
<b>Total 1930 .....</b>	<b>831.660</b>	<b>661.934</b>	<b>165.861</b>	<b>3.419</b>	<b>233.126</b>
<b>Total 1929 .....</b>	<b>802.774</b>	<b>643.188</b>	<b>156.085</b>	<b>3.501</b>	<b>127.189</b>
<b>Aumento .....</b>	<b>28.886</b>	<b>18.746</b>	<b>9.776</b>	<b>—</b>	<b>5.937</b>
<b>Porcentagem .....</b>	<b>3,6</b>	<b>2,9</b>	<b>6,3</b>	<b>—</b>	<b>—</b>

## América

	Veículos
Argentina .....	387.864
Brasil .....	159.986
Canadá .....	1.215.071
Chili .....	40.000
Colúmbia .....	13.750
Cuba .....	46.204
México .....	80.800
Panamá .....	8.750
Peru .....	14.155
Pôrto Rico .....	13.744
Estados Unidos .....	26.690.949
Uruguai .....	45.897
Venezuela .....	15.000
Outros países .....	56.368
<b>Total em 1930 .....</b>	<b>28.788.238</b>
<b>Total em 1929 .....</b>	<b>28.605.927</b>



DO QUE AS MULHERES SÃO CAPAZES. Ainda com este título encimamos a legenda. Parece, à primeira vista, tratar-se dum belo rapazote, a quem a alegria de vencer o ar, tivesse levado a deixar a casa paterna. Pois é antes a linda e arrojadada aviadora alemã Hily Beinhorn, que acaba de regressar a Berlim depois de efectuar a travessia do continente africano. Algumas das nossas colónias foram visitadas pelo minúsculo aparelho da jóvem aviadora. Bissau, na nossa Guiné, recebeu-a com entusiasmo, o que, de resto, se deu em outras nossas colónias. Pouco depois de largar de Bissau, Hily Beinhorn atravessou o grande deserto do Sahará. A excepção que esta aviadora teve em Berlim foi verdadeiramente triunfal, como é fácil de calcular.

tem ultimamente mostrado que a coragem e audácia femininas já não são exclusivismo da livre América.

Subir a quasi 10.000 metros de altitude, suportando temperaturas de 50° abaixo de zero, tal foi a proeza levada a cabo, há pouco, mesmo por cima da cidade dos arranha-céus, por Miss Ruth.

O automóvel-foguete, ou, mais propriamente, o automóvel com motor de foguetes,



DO QUE AS MULHERES SÃO CAPAZES. Miss Ruth Nichols, a actual detentora do recôrdo de altitude feminino. A intrépida aviadora americana, que em técnica, audácia e resistência, iguala os grandes óses da aviação masculina, intenta, para breve, nada menos que a travessia do Atlântico. Miss Ruth merece a simpatia de todo o mundo culto, e para ela são os nossos votos duma feliz chegada à nossa velha Europa.

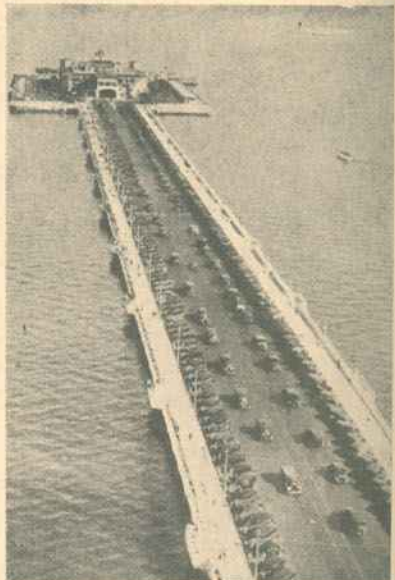
Temos depois a Ásia com 551.467 veículos em circulação e a África com um total de 351.931.

Seria demasiado fastidiosa para o leitor a enumeração dos países e regiões possuidoras de automóveis nestes dois últimos continentes. Damos, pois, estes algarismos, duma forma global. Se a algum leitor, mais *amador*

de precisões, o caso interessar, não terá mais que dirigir-se a esta Secção.

### As nossas gravuras

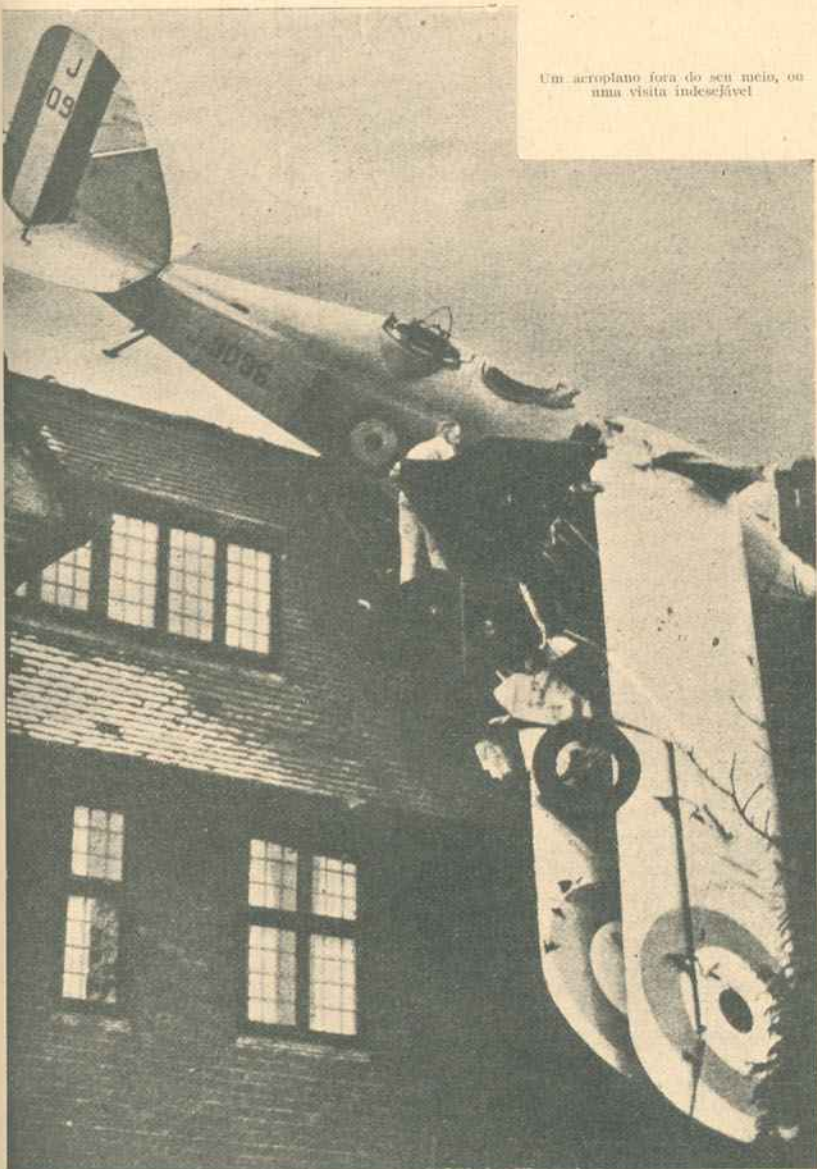
Miss Ruth Nichols é americana. Não que exclusivamente o sejam tôdas as grandes aviadoras. Outras, inglesas, alemãs, etc.,



No país das coisas grandes. Uma grande e vasta ponte, sobre o mar, na linda praia de Saint Petersburg (Flórida). Esta ponte serve apenas um grande Casino, mas, das suas dimensões, pode dar ideia o estacionamento dos automóveis em duas alas, o à vontade com que os outros circulam e os trottoirs para pés.



Um aeroplano fora do seu meio, ou uma visita indesejável



absorveram 3/5 desta quantia, e, uma vez queimados, já para nada servem, naturalmente.

Nestes tempos, em que o consumo dum automóvel entra como principal factor, não é, pois, aconselhável o invento de H. Bull, por gastar muita gasolina.

Note-se que Harry Bull gastou os foguetes todos em pouco mais dum quilómetro.

Para que se veja que a pólvora arde depressa.

Há poucos dias, um aeroplano de bombardeamento pertencente à Royal Air Force, de Inglaterra, teve uma pane de motor, a uns 4.000 metros de altitude. O piloto procurou terreno onde descer, são e salvo, e perto se achava, de facto, um campo assás largo, sem árvores nem outros obstáculos de grande monta.

Simplemente, tal terreno era o do recreio de muitas dezenas de rapariguitas, alunas dum colégio, a dois quilómetros distante.

Para não fazer uma trágica razia na petizada, preferiu o piloto descer sobre o telhado de uma das dependências do colégio.

O motor do aeroplano nada sofreu e o piloto tão pouco. Pôde descer para o telhado, ganhar a escada interior e apresentar, sorridente e calmo, as suas desculpas à directora do colégio, pelo susto causado e pelas telhas partidas.

R. LACERDA.



teve o seu início, se não estamos em erro, na Alemanha, há cerca de dois anos.

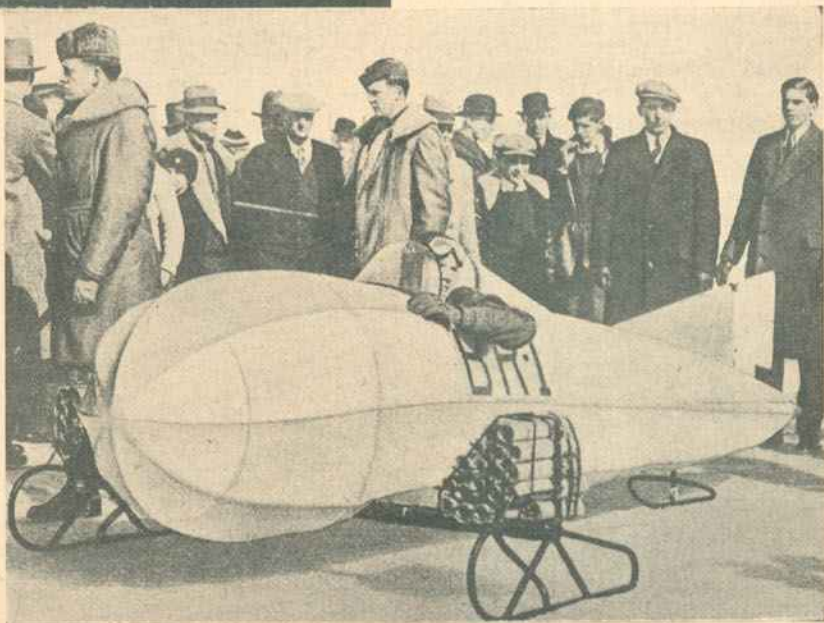
Harry W. Bull idealizou, construiu e pôs a andar o que a nossa gravura mostra. Harry Bull é estudante, Estuda pirotécnia na Universidade de Syracuse (U. S. A.) e tem 21 anos apenas.

Acrescente-se que o dinheiro não abunda nas algibeiras do nosso estudante Bull.

Daí a ideia de bater dois *records* simultâneos, o do carro original e o de custo mais reduzido.

Da originalidade, o leitor dirá. Do custo diremos nós que o *record* foi batido, para vergonha de Ford.

O automóvel-foguete de Harry Bull, completo, em ordem de marcha, importou apenas nuns 500 escudos. O pior é que só os foguetes



O automóvel-foguete, «records» do barulho e da barateza. Este novíssimo automóvel fez as suas experiências sobre a superfície dum lago, gelada, é claro, o que o isenta de rodas, pneumáticos, etc. A própria suspensão é assás resumida, pois que os patins de que é dotado acumulam as suas funções com as de molas, amortecedores, etc.





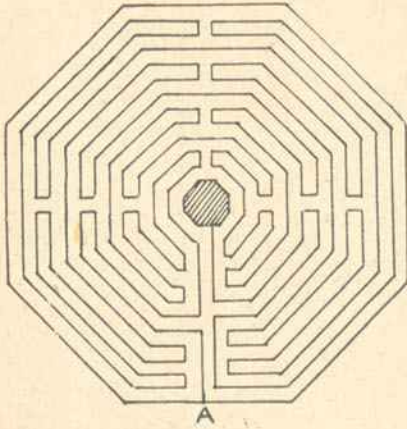
# Passatempo

## LABIRINTO

## O PING-PONG

## O QUE SIGNIFICAM AS LETRAS NAS VELAS DOS BARCOS?

(Solução)



Neste labirinto, que representa o da igreja de S. Quintino, em Londres, o caminho a seguir é por cima do traço preto; e se principiarmos no ponto A, subindo a linha que está na frente, chegaremos ao centro, depois de num longo percurso por toda a area do labirinto, sem nos podermos desviar, nem tão pouco perder no caminho.

*Edith:* — Quanto tempo conhecestes teu marido, antes de casar?

*Rachel:* — Não o conheci nada. Julgava que o conhecia.

A bola da quarta fila deve ser passada para o terceiro quadrado da décima quarta fila, e a bola da ultima fila para o primeiro quadrado da quarta fila.

### LIÇÃO DE HISTORIA SAGRADA

O professor está interrogando o pequeno Frederico:

— Que foi que Deus creou no primeiro dia?  
— Deus, no primeiro dia, creou a luz,  
— Muito bem, e no segundo?  
— A terra e a agua.

— E no terceiro?  
— No terceiro... No terceiro... — Frederico hesita. O mestre ajudando-o:

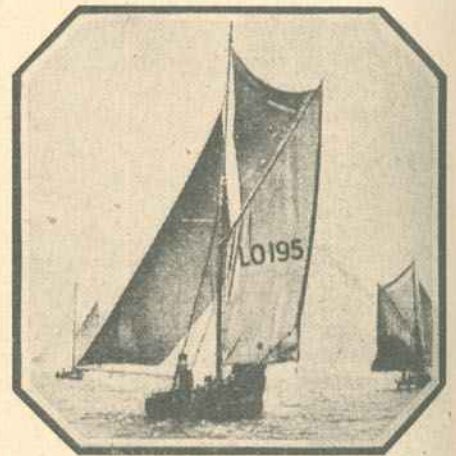
— No terceiro, o que se vê brilhar nas noites calmas... Creou... creou... repara bem... creou...

— Ah! Já sei — disse triunfalmente o Frederico — creou os faróis!

*A:* — As mães sempre passam um tempo mais arduo!

*B:* — Porque são as mães, em particular?

*A:* — Ora, porque andam sempre com medo que algumas certas e determinadas raparigas lhes vão casar com os filhos, e que alguns certos e determinados rapazes lhes não casem com as filhas.



atestado de registo e para fins de identificação. Cada barco de pesca, tem de ser registado no porto a que pertence. A letra indica o nome desse porto — por exemplo L para Leixões, P para Peniche, etc. — seguida do numero de registo do barco, no referido porto.



— Sabes, estou com bastante recio que o nosso divorcio se tenha de efectuar à capucha, devido a um luto na família do meu marido!

*A senhora:* — Joaquina, o farmaceutico já mandou aquele remedio para fazer adormecer?  
*A criada:* — Ainda não, minha senhora.

*A senhora:* — Então telefone-lhe e pergunte-lhe se ele julga que eu hei de ficar aqui a esperar o sono toda a noite á espera de o tomar?

*Cavalheiro (excessivamente delicado), no Consultorio do medico:* — Chego a ter vergonha de cá vir, doutor; ha tanto tempo que não estou doente!

### RESPONSABILIDADE

*Atriz:* — Ha anos que não faço outra coisa senão ir entregar cartas, ao palco. Não posso ter um papel mais importante?

*Empresario:* — Pode; d'aqui em diante, só levará cartas registadas.

Um sujeito que perdera todo o seu dinheiro, mas não toda a vergonha, numa batota, regressou a casa de manhã cedo, encontrando a esposa ainda de pé.

— Porque te não deitaste?  
— Estava à tua espera, receando que, ao chegares a casa, com remorsos da vida que levas, quisesse dormir na escada.



**Bolachas**

**Nacional**

**a grande  
m a r c a  
portuguesa**

*Variadas e Saborosissimas Qualidades  
Um Unico Fabrico: O Melhor*





## Apostaria V. Ex.<sup>a</sup> por um cavalo de corrida que tivesse uma perna partida?

O uso de um óleo de lubrificação incompleto representa um risco idêntico.

O óleo apropriado a qualquer motor deve ter em proporção correcta e constante, as seguintes propriedades:

**Contra - Carbonização** — que assegura a redução dos depósitos carbonosos duros.

**Resistência ao calor** — que assegura maior duração do óleo.

**Oleosidade** — pela qual se obtém a protecção máxima das superfícies em contacto.

**Contra - Oxidação** — pela qual são evitados os depósitos gomosos nas válvulas e o entupimento das tubagens do óleo.

Os produtores de Mobiloil são especializados na fabricação de lubrificantes «completos» desde há 64 anos. Há um tipo de Mobiloil adequado exactamente às necessidades do carro de V. Ex.<sup>a</sup>. Procurai-o na «Tabela de Recomendações Mobiloil».

685

Peça



# Mobiloil

*Um pouco mais caro — mas vale a diferença*

V A C U U M O I L C O M P A N Y